

BOLETÍN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

La INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena á todo espíritu é interés de comunión religiosa, escuela filosófica ó partido político; proclamando tan solo el principio de la libertad é inviolabilidad de la ciencia, y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas.—(Art. 15 de los *Estatutos*.)

Hotel de la *Institución*.—Paseo del Obelisco, 8.

AÑO XXIV.

MADRID 31 DE MARZO DE 1900.

NÚM. 480.

SUMARIO

PEDAGOGÍA

La pedagogía en la universidad de Coimbra, por el *Dr. Bernardino Machado*.—El último informe del «Bureau» de Educación de Washington, por *X.*—Revista de revistas, por *D. J. Ontañón* y *D. Gonzalo J. de la Espada* y *D. F. G.*

ENCICLOPEDIA

De las causas generadoras de las montañas, por *D. José Macpherson*.—¿Qué son las artes decorativas?, por *D. F. Giner*.—Delinquentes que escriben, por *D. Constancio Bernaldo de Quirós*.—La doctrina de Tolstoy, por *P. Eltzbacher*

PEDAGOGÍA

LA PEDAGOGÍA EN LA UNIVERSIDAD DE COIMBRA

LECCIÓN INAUGURAL DEL CURSO

por el *Prof. hon. Dr. Bernardino Machado*,
Catedrático de la Universidad (1).

Todos falam de ensino, varios o profesam, mas poucos sabem o que é. O que não admira, porque entre nós ensinam-se já muitas coisas, mas ainda mal se ensina a ensinar.

Que é ensino? Vê-se no mais simples facto. Vamos de excursão, e pedimos a uma creança que nos ensine o caminho. Nesse

(1) Nuestro colega el *Dr. Machado* ha abierto en la Universidad un curso libre de Pedagogía ante un auditorio numeroso, compuesto de estudiantes, profesoras y profesores de todos los grados de enseñanza, y personas cultas de otras clases.

El *Dr. Machado* acaba de publicar también un nuevo libro, *A Agricultura* (Coimbra, 1900), en el cual, como en *A Industria* (1898), da cuenta de su gestión como Ministro de Obras públicas, Comer-

El BOLETÍN, órgano oficial de la *Institución*, publicación científica, literaria, pedagógica y de cultura general, es la más barata de las españolas, y aspira á ser la más variada.—Suscripción anual: para el público, 10 pesetas; para los accionistas y maestros, 5.—Extranjero y América, 20.—Número suelto, 1.—Se publica una vez al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira á los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción.—Véase siempre la *Correspondencia*.

momento a creança guiou-nos, dirigiu-nos. O ensino e uma direcção, um governo.

O ensino, é pois, uma parte da politica, da moral.

A política trata do governo dos estudos ou do governo do trabalho. E com isto não quero dizer que o estudo seja essencialmente diverso do trabalho; pelo contrario, entendendo que o estudo, que é a preparação para o trabalho, só se póde fazer pelo trabalho. Mas, se com o estudo se deve sempre procurar prestar um serviço, a verdade é que elle é ainda apenas uma tentativa inicial, que elle não passa ainda de ensaio que mal assegura desde logo resultado.

A parte da politica que trata do governo dos estudos, é a pedagogia; a outra, que trata do governo do trabalho, a politica no seu sentido estricto.

Para accentuar bem o caracter moral de todo o ensino, mostrarei em que consiste o governo dos estudos.

Dirigir é coordenar. A ordem, creando um centro mais poderoso de fôrça, determina sempre uma direcção, um governo, é sempre o fundamento e a causa de todo o progresso. Ora nós coordenamo-nos de tres modos, artisticamente, industrialmente e scientificamente e, de qualquer dos tres mo-

cio é *Industria* (en 1893); y anuncia que está en prensa otro tomo de la misma serie, relativo á los *Medios de comunicación y comercio*. Todavía, al entrar en prensa este número, llega á nuestras manos otro nuevo volumen, *O Ensino professional* (Coimbra 1900), en que reúne discursos, proyectos, decretos, etc., sobre asuntos pedagógicos.—*N. de la R.*

dos, a nossa coordenação deve ser sempre moral.

Quando fazemos arte, industria ou sciencia, esforçando-nos o mais possível pelo desenvolvimento das nossas faculdades, pela nossa instrucção, fazemos educação; quando o facemos pelos outros, esforçando-nos sobretudo por que elles desenvolvam as suas faculdades, por que elles se eduquem, fazemos ensino.

Está claro que é, desenvolvendo as nossas faculdades, que podemos servir bem os outros, e que, servindo-os, as desenvolvemos. Não deixa, porém, de haver aqui uma distincção: a educação pertence á categoria do estudo, e o ensino, o nosso governo sobre os outros, á do trabalho. Para estudarmos, sacrificam-se quasi sempre por nós os outros, a familia e a sociedade; para ensinarmos, temos nós de ser capazes de nos sacrificarmos pelos outros. O estudo não deve nunca ser egoista, mas nem sempre póde ser benefico; o ensino é um serviço, uma assistencia social. Estuda-se, ensinando; mas cautela! ninguem se metta a ensinar, sem ter já estudado.

A aula não é só um laboratorio, é sobretudo um sanctuario da virtude.

Mas não será dispensavel o ensino? Não ha tantos homens que se formam por si, pela experiencia da vida? Não! são muitas as fórmas de ensino, oral, escripto, real, practico, e não é preciso ir á aula para o receber. Não se confunda aula com ensino.

O homem não entra logo na plena posse das suas faculdades, e está um tanto como o cego, que precisa d'alguem que o guie. As nossas faculdades estão em successiva differenciação e desabrochamento, principalmente até á idade madura; estão-nos continuamente a nascer como que novas faculdades, novos sentidos, novos olhos. Ha uma gestação espiritual, como ha a organica. Não se imagine comtudo que ellas faltavam de todo antes. Não! existem de todo principio em germen, e é preciso cultivá-las desde logo. A fraqueza da vista não é cegueira. É preciso não tratar nunca o discipulo como um cego. A creança não é um enfermo.

Passeando com um primo meu, rapazito ainda, encontrámos um cego de lunetas, e elle ficou muito espantado; ao que eu lhe observei para o ouvir: «Pois se as lunetas são para ver, quem precisará mais d'ellas do que um cego?» Mas o pequeno tinha razão.

O ensino é como as lunetas, que se não fizeram para cegos.

E esta differenciação espiritual vai augmentando com a civilização; o que quer dizer que o homem vai cada vez mais necessitando da assistencia do ensino, e que a obra do ensino vai sendo cada vez mais complexa e por isso o proprio ensino tem de progredir para a effectuar.

Tudo progride; até a natureza inorganica vai sendo cada vez menos cahotica, acompanhando assim o aperfeiçoamento das fórmas vegetaes e animaes, que seria incompativel com a desordem primitiva dos elementos. E, acima de tudo e mais que tudo, progride o espirito humano, a socialização humana, e, com ella, a assistencia, o ensino.

Sem ensino, a civilização torna-se contraproducente, porque deixa de estar ao alcance do homem. O homem fica escravo d'ella.

Veja-se o que succedeu com a applicação do vapor á industria. As machinas dividiram á officina em duas classes, separando-as profundamente: abaixo d'ellas o operario, como seu serventuario, acima o engenheiro, seu dirigente; e, difficultando assim o ensino officinal pela suppressão do mestre, tornaram-se numa causa de perturbação social, de dissociação e portanto de injustiça, que só pela eschola industrial se tem podido combater.

A média da duração da vida augmenta, mas mais rapido que esse augmento é o progresso da civilização. Por isso, todos os instantes vão sendo cada vez mais preciosos para a adolescencia espiritual. Não se póde perder nenhum.

Estamos todos como o medico que, chamado a ver um doente na aldeia, pede áquelle creancinha de que falámos, que lhe ensi-

ne o caminho mais curto por entre os campos. Havia-se de lhe dizer: aprenda o por si? Entretanto peorava e morria o doente a que elle vai acudir. Para cada homem ha sempre verdadeiramente um doente, alguém que póde soffrer com a sua demóra e ausencia, para cada homem ha sempre um bem urgente á fazer. Diffundamos largamente o ensino para que ninguem deixe de o fazer.

A sciencia, a arte e a industria tornam-se, dia a dia, mais solidarias. Ninguem póde procurar e achar tudo por si. O ensino transmite o deposito da civilização, que o trabalho pessoal vai engrandecendo sempre.

A importancia do ensino é hoje reconhecida em toda a parte. Honram-no os principaes estadistas, dotam-no ricos e pobres. E do proprio seio das Universidades partiu uma generosa campanha para se levar o ensino ás classes mais infelizes, aos bairros operarios, aos campos e minas. Tanto se reconhece o seu character moral!

O nosso seculo é o seculo da socialização e do ensino.

Se todo o ensino é necessario e importante, não póde deixar de o ser tambem o do proprio ensino.

As nações estrangeiras ha muito que prestam todo o cuidado a este ensino, que é parte da pedagogia, a qual, como dissemos, se occupa da educação e do ensino.

Na Allemanha já no seculo passado Kant na sua cadeira de philosophia professava a pedagogia, e, logo nos primeiros annos d'este seculo, Herbart estreiava-se, como *Privatdocent*, tratando da pedagogia. Desde o seculo passado tambem que por lá se foram disseminando os seminarios, que é como lá se chaman as escholas ou aulas normaes. E hoje ha nas suas Universidades cursos de pedagogia regidos por homens tão distinctos como Henrique Schiller e Theobaldo Ziegler.

Em França já os grandes revolucionarios se occuparam de pedagogia, sendo o professor Lakanal o relator do projecto de criação da primeira eschola normal. A terceira republica organizou poderosamente a

pedagogia para o ensino do povo, chamando os seus primeiros homens á regencia das aulas nas escholas normaes superiores do ensino primario em Fontenay-aux-Roses e em Saint Cloud, escholas que téem tido á sua frente homens eminentes, entre os quaes lembro con saudade Pécaut, o venerando educador. Lá preside ao movimento pedagogico o vice-reitor da Academia de París, o academico Gréard, auctor de magistraes memorias sôbre o ensino, ultimamente auxiliado pela poderosa propaganda de outro academico, o professor Lavissee; lá se creou nos ultimos tempos a cadeira de pedagogia em Paris, na Sorbonne, que foi confiada a Marion e depois a Buisson, e téem-se instituido cursos pedagogicos nas Universidades de provincia sob a direcção de illustres professores como Espinas e Thamin.

Na Inglaterra, a patria de Bain e de Spencer, e a antiga patria de Locke, que tanto influiu em Rousseau, que por sua vez tanto influiu em Kant, ha subsidiadas pelo estado muitas escholas pedagogicas, lá chamadas *training colleges*; e já em 1891 James Sully propoz á Universidade de Londres a collação de graus pedagogicos.

Nos Estados Unidos, além de todas as escholas normaes, ha nas Universidades cursos e até verdadeiras faculdades de pedagogia, con bachareis e doutores. Numa, na de Stanford, ha mesmo annexo um laboratorio experimental com creanças de 2 á 12 annos, o qual tem com o ensino pedagogico, diz o sr. Barnes na *Educational Review* (citada pelo sr. Compayré) as mesmas relações que o hospital com o ensino medico.

Junto a nós, aqui mesmo em Hespanha, os principaes professores procuram dirigir o ensino nacional.

Em Portugal a pedagogia apenas se esboça nas escholas normaes primarias. A lei já exige provas pedagogicas dos candidatos ao magisterio secundario, mas ainda não ha onde elles se preparem para as dar. Em todo o ensino sente-se a deficiencia de habilitação professional.

Tentemos preencher esta lacuna.

SEGUNDA LIÇÃO

Dissemos: O ensino é uma funcção social, é obra de assistencia, de dedicação, de sacrificio. A aula é um sacerdocio; o professor, o sacerdote.

Certamente o professor precisa de ser instruido, precisa de ter capacidade para prestar serviço.

A inexperiencia te o desastramento communicam se, e tornam mesmo a intervenção do mestre contraproducente para o discipulo. Todos que tentaram a bicycleta, sabem como, já de pois de começarem a equilibrarse, se sentiam vacillantes cada vez que sahissem de excursão com algum companheiro ainda menos firme. Ao contrario, joga-se melhor com bons jogadores. Recordo-me de que, em rapaz, ia varias vezes saltar para a antiga quinta, hoje bairro de Santa Cruz, com Gonçalves Crespo, e nem elle nem eu eramos prodigiosos; mas, quando succedia ir comnosco outro amigo, tambem já fallecido, o Gonçalo Lindoso, que tinha grandes pernas e daba grandes saltos, lá se atirava após d'elle o Crespo, e logo eu, acompanhando os. Não téem observado, como os bons oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos?

Não se exaggere o principio de que se apprende, ensinando! Essa é, por nosso mal, a tendencia indigena. Todos se julgam, entre nós, aptos para tudo, e estamos continuamente a ver nomeações de professores, que nos espantam. Surprehendemos que se façam, e não menos que se solicitem ou aceitem. Para ensinar é requisito indispensavel a competencia technica; o professor de chimica, por exemplo, precisa, evidentemente, de ser um chimico.

Mas o ensino, senão de profissão, pelo menos accidental, occasional, é accessivel a todos. Temos sempre que apprender uns com os outros, e, mais ou menos vezes, conforme a nossa cultura, tambem podemos da nossa parte retribuir essas lições. Alguns

dos grandes mestres não se distinguiram tanto em qualquer arte, industria ou sciencia, como nesta incarnação moral de todas ellas que se chama pedagogia. Exemplo notavel: Pestalozzi.

É que para o ensino requer-se mais do que instrucção. O professor precisa, sem duvida, ser instruido, mas sobretudo de ser bom, de ser um homem de bem.

Não basta ser physico ou geologo para ensinar. O bello, o util, a verdade, attrahem a si as almas, mas o que as prende e enlaça, é a sociabilidade, é a bondade. Porque é que os rapazes se procuram tanto e tanto gostam de andar juntos? É o enlevo da camaradagem. Por isso o professor, para conduzir os discipulos, ha de tambem fazer-se seu camarada, abrirse expansivamente com elles, amoldar-se-lhes. E não o póde fazer senão affeiçoando-se-lhes, repartindo cordialmente com elles o seu tempo e os seus cuidados, dedicando-se-lhes, sacrificando-se-lhes mesmo. O primeiro condão do professor é a virtude.

E é preciso que elle seja sempre um claro exemplo de dignidade e de abnegação. Não só na aula; dentro e fóra d'ella. Na vida de familia; como cidadão.

O ensino é parte da politica, e não se póde ser conjunctamente mau cidadão e bom professor. Como ha de o discipulo esquecer o que o mestre é fóra da aula, para o estimar dentro d'ella? Como ha de querer viver ao seu lado, se não puder honrar-se do seu trato? A aula é sociedade, collaboração, intimidade; e a intimidade dos maus repugna sempre a todos, muito principalmente ás almas candidas da mocidade.

Por isso o professor, e mais que nenhum o de ensino superior, deve ser radicalmente intransigente com o mal, com a corrupção; e, nem mesmo no interesse tecnico do seu ensino, se deve deixar tentar. Se é só pela complacencia, ou antes cumplicidade, com um poder immoral, que acha meio de alcançar exemplares, apparatus e instrumentos para a sua aula, antes não os ter. Melhora-

ria materialmente a aula, mas peorava o professor, que é o principal.

Por tudo isto, para o exercicio do magisterio é imprescindivel a experiencia moral, o apprendizado do bem. A virtude não se improviza. Ninguem se habilita em regra para o ensino, que não comece por o servir modestamente, practicando como simples ajudante com mestres já abalizados. E, para ascender a professor de ensino superior, ninguem devia deixar de percorrer a escala desde o ensino primario. Por falta d'este tirocinio social é que lastimosamente ás vezes se encontram, e até no fastigio do magisterio, individuos, aliás talentosos e instruidos, mas socialmente ineptos, infantis.

Sem assistencia e sacrificio, não ha ensino. É o mestre que se não occupe zelosamente do discipulo, se não é um egoista, só se acredita na omnipotencia das fôrças que actuaem sôbre cada individuo ou nos milagres do individualismo na lucta pela existencia.

Ha, effectivamente, partidarios d'uma e d'outra theoria; mas em ambas ellas, com a assistencia, desaparece o ensino.

Uns dizem: Por amor dos outros, ninguem se desvie do seu caminho, do caminho do seu interesse. Para quê? O homem é o producto fatal da herança e do meio. *Tal pae, tal filho. Chega-te aos bons, serás um d'elles; chega-te aos maus, serás peor do que elles. Dize-me com quem andas, dir-te hei as manhas que tens.* E estes apophtegmas populares, varios sabios pretendem corroborá-los com as suas observações. Citarei as duas seguintes. Na Australia, indigenas que tinham sido arrancados ao collo das mães, já depois de instruidos nas mathematicas e litteraturas antigas, aos vinte annos, fugiram para ir viver nós, comendo lagartos, com os seus irmãos de raça, para vagabundear, bandoleirar. Um pretinho das Philippinas, educado por um americano, tendo vivido em New York, Paris e Londres, fez se um janota, falava as linguas, calçava luvas e botas de verniz; pois, de volta a Manilha, desapareceu, e um naturalista allemão foi encontrá-lo, annos depois, na montanha entre os negros.

Nesta theoria, o character de cada um tingese indelevelmente com as côres do sangue dos seus progenitores e do ceu da sua patria. Dos que a defendem, uns attribuem tudo á herança, outros dão immensa importancia ao meio, e ha ainda os que mais judiciosamente combinan os dois factores na fôrça ineluctavel da evoluçãõ.

O homem evolve fatalmente. Não pretenda ninguem intervir no seu desenvolvimento, que não o altera, e, quando muito, só vingará perturbá-lo temerariamente! Seria inutil, senão até indiscreto e nocivo. E nem temos motivo para o deplorar, porque sôbre os seus mesmos escombros a evoluçãõ ergue cada vez mais grandioso o edificio do progresso. O universo melhora por si.

Está claro que este determinismo esquece que, além da herança e do meio, ha o proprio homem, que é tambem uma fôrça, e esquece o professor, que é ao mesmo tempo um coefferente poderoso do passado e do presente, um elemento consideravel não só do meio, porque a herança é mais do que simplesmente uma herança organica. O professor é a fôrça externa organizadora de todas essas influencias que pesam sôbre a liberdade humana, é elle quem a dirige na sua faina de consolidar as bôas, extirpando as que lhe sejam perniciosas.

O ensino tem por primeira missãõ transmittir em toda a sua pureza o patrimonio de civilizaçãõ dos antepassados. E não póde decliná-la.

Quantas vezes eu tenho visto oscillar a consciencia d'um pobre rapaz, filho de gente corrupta, sem saber se ha de contribuir para que a virtude illumine mais a terra, não vá tambem pôr mais em evidencia os vicios dos paes! Como póde então ser benefica a voz auctorizada do professor, que, estendendo-lhe affectuosamente a mão, o sustente e ampare na sua ascençãõ moral, assignalando-lhe como um ponto de honra o enobrecimento do seu nome de familia até á obliteraçãõ de toda a mancha originaria!

Ah! Quanto entre nós o ensino necessita de ser não só esta fôrça hereditaria, que nos expurgue da corrupçãõ, d'uma geraçãõ, mas

a herculea fôrça atavica que nos permitta rehabilitarmo-nos perante a historia, restituindo-nos o genio, o esforço, a virtude dos antigos portuguezes, infelizmente tão polluída!

E não basta assegurar ás novas gerações a civilização herdada: é mister também fomentar o seu progresso futuro. Ao mestre cumpre velar por que as variações impressas pelo meio sejam sempre ventajosas e nunca regressivas ou funestas. Que trabalho não tem para rasgar um amplo horizonte ao espirito e ao coração do discipulo, para que elle não seja escravo das pequenezas e mesquinhas do seu rincão; e, sobretudo, quanto não precisa de robustecer-lhe o character para que elle não seja victima das emanações deleterias da podridão moral!

Como sem o ensino se sanearão ahí nas cumiadas sociaes esses mortiferos pantanos que por toda a parte infectam profundamente a atmospheria da vida nacional?

A conclusão a tirar da magnitude das influencias da herança e do meio, do poderio da evolução, é, reconhecendo-as, que o ensino se torna por isso mesmo mais necessario e instante, porque tem de travar a lucha com varias d'ellas; é, reconhecendo as difficuldades da lucha, que, sem embargo, a victoria do ensino, do mestre, é certa, pois que d'essas influencias as mais fortes, as eternas, que são as boas, estão do seu lado, e as que elle tem de combater, são as que pela sua propria natureza deleteria estão destinadas a extinguir-se.

O mundo vai pertencendo cada vez mais ao bem. Mas não imaginemos nunca os nossos discipulos, os nossos filhos, educados, só porque calçam luvas e botas de verniz.

EL ÚLTIMO INFORME DEL «BUREAU»,

DE EDUCACIÓN, EN WASHINGTON,

por X.

(Conclusión).

Estudio experimental del niño.—En dos voluminosos capítulos, el XXI y el XXV (incluido uno de ellos en el tomo I y otro en el II), Mr. Macdonald ha reunido los resultados del movimiento conocido por «estudio del niño» y de las ramas afines de investigación. Mr. Harris los reúne en el informe que da de ellos. Este movimiento—dice—se debe en gran parte á los trabajos del Dr. Stanley Hall, en lo que se refiere á nuestro país, al cual puede decirse que principalmente está hoy reducido. Si los resultados de tanto trabajo parecen pequeños, debe decirse en su favor que, en un campo nuevo de investigación experimental, los primeros esfuerzos se gastan en el ensayo de nuevos métodos. Estos esfuerzos son, por consiguiente, tanteos, hasta que se descubren felizmente los métodos útiles. Y en el caso de los tipos normales de crecimiento en los niños, como dice el mismo Mr. Macdonald, estos tipos no están todavía fijados, y su generalización debe apoyarse en un gran número de medidas de niños de todas las condiciones y clases, ricos y pobres, de la ciudad y del campo, blancos ó de color, y de diferentes nacionalidades y genealogía. En la aplicación del método científico á estos estudios, ni el puramente físico, ni el puramente psicológico bastan: el niño es una actividad personal, organizadora de materia, como instrumento de su teoría y su práctica. En estos capítulos, vemos los esfuerzos, más ó menos conscientes, para combinar ambos métodos: el que estudia el elemento material y explica sus fenómenos por causas exteriores, y el que estudia la actividad espiritual y explica sus cambios por propósitos ó motivos inteligentes de la voluntad.

Completaremos estas indicaciones del Dr. Harris, diciendo que ambos capítulos componen un total de 324 páginas compactas. El primero es el estudio experimental de los niños de las escuelas primarias

de Washington (parte del cual ha sido publicado (1) en este BOLETÍN); el segundo, una monografía sobre el estudio del niño en los Estados Unidos. Precede á aquél una introducción sobre las bases del estudio, y concluye con una exposición de los resultados actuales de estas investigaciones en Europa y América y con un capítulo que detalla muy al pormenor los instrumentos empleados en el laboratorio del *Bureau* de Washington. El segundo trabajo tiene un carácter más general aún, exponiendo el resultado, especialmente, de los trabajos dirigidos por el doctor Stanley Hall, y concluyendo por una inmensa bibliografía acerca de este asunto.

La República Argentina, Uruguay y el Brasil.—El profesor Hilder describe en el capítulo XXII las instituciones de educación en estas naciones, comenzando por una breve historia de éstas (en que descuella el nombre de Sarmiento, el gran promovedor de la cultura en la Argentina) y estudiando al por menor sus diversas clases y tipos.

La educación y la práctica dentarias.—El capítulo XXIII expone la organización de esta carrera en los Estados Unidos, donde constituyó una especialidad desde muy antiguo, y las condiciones que en casi todo el territorio de la Unión se exigen hoy para ejercerla.

Concluye este tomo con una guía (*Directory*) de nombres y dirección de los principales funcionarios de educación en los Estados Unidos (cap. XXIV).

II

El tomo II del *Report*, después del capítulo XXV, referente al estudio del niño (y de que arriba queda hecha mención), comienza por el informe de un Comité (llamado «de los Doce») nombrado por la *Asociación para el estudio de las lenguas modernas* (cap. XXVI), que estudia las condiciones de su enseñanza en las escuelas secundarias. Este informe nació por las excita-

ciones de la *Asociación nacional de educación*, que en estos últimos años viene consagrando especial interés á los problemas de las escuelas secundarias, y que deseaba sobre todo planes, programas é instrucciones para la organización práctica de la enseñanza del francés y el alemán. Es la cuarta memoria nacida á impulsos de la *Asociación nacional*. Las anteriores han sido: 1.^a, del «Comité de los Diez,» sobre la organización de los estudios secundarios; 2.^a, del «Comité de los Quince,» sobre las escuelas primarias; y 3.^a, de otro «Comité de los Doce,» sobre las escuelas rurales. El valor de las lenguas modernas en este grado de educación; la crítica de los principales métodos para enseñarlas (el gramatical, el natural, el psicológico, el fonético y el de lectura); la preparación de los maestros; el lugar de las lenguas modernas en la enseñanza primaria; la organización de los cursos y algunos modelos para los exámenes de ingreso por escrito, constituyen los principales artículos de este informe.

Tipos é ideales de Universidades.—En el capítulo XXVII se publican cuatro artículos, aunque cortos, de un valor inestimable, y todos referentes á las Universidades: un discurso sobre las americanas, del doctor Levasseur (tan conocido por sus trabajos en estadísticas de sociología y educación); otro del Dr. Moissan, sobre la de Chicago; otro del Dr. Foster, sobre la educación universitaria en general, y un artículo de M. Haguénin sobre la Universidad de Turín, su organización, su profesorado, sus estudios y su laboratorio de economía política.

Inspección del Estado de las instituciones que confieren grados.—El capítulo XXVIII estudia la legislación de los diferentes Estados de la Unión sobre este asunto. Sólo Nueva York y Pensilvania han establecido su inspección en la materia. Actualmente, hay una tendencia general en sentido de una mayor intervención, á fin de evitar ciertos abusos. El presidente Wade Rogers, de la Universidad de Evanston (Illinois), es uno de sus jefes.

Estadísticas escolares.—El capítulo XXIX publica un informe de la Asociación nacional de educación sobre el modo de formu-

(1) En el núm. 469 (1899).—*N. de la R.*

lar los cuestionarios de estadística en los diversos grados de enseñanza. Su clasificación de las cuestiones es muy importante: 1.º grupo, las que son esenciales y fundamentalmente necesarias para dar una idea exacta de los resultados del sistema; 2.º, deseables y se refieren á las condiciones sociales de la escuela; 3.º, ocasionales ó eventuales. El cuestionario está aplicado además á las estadísticas, no sólo de los Estados Unidos, sino de 20 de las principales naciones, con una nota de la correspondencia de los principales términos técnicos usados en la materia, en inglés, alemán, francés, italiano y español.

Inspección médica de las escuelas.—En el capítulo XXX se describe el estado de este servicio, especialmente en Boston, una de las primeras ciudades que lo introdujeron, así como en algunos países extranjeros, y las opiniones autorizadas en su favor.

La Biblia en los colegios y en las escuelas públicas.—El capítulo XXXI se refiere á la enseñanza universitaria y secundaria superior, que podríamos llamar, y el XXXII á la primaria y á las Universidades de los Estados: de más está añadir que el respeto á la conciencia del alumno se halla garantido por diversos métodos.

Métodos de enseñanza de la Agricultura.—El capítulo XXXIII contiene varias hojas publicadas por los Estados de Nueva York é Indiana, el Departamento agrícola de la Universidad de Cornell y la de Purdue, respectivamente, correspondientes á aquellos dos Estados y que señalan importantes tipos del carácter y procedimientos de esta enseñanza en los diferentes grados. Incluye asimismo un informe del Departamento de Educación de Inglaterra sobre los jardines escolares, otro sobre el estado de esta enseñanza en las escuelas rurales, normales y de Agricultura práctica en Francia y una ojeada sobre el estado de la enseñanza agrícola en Prusia.

Memorias consulares.—En los informes contenidos en el capítulo XXXIV, hay dos, referentes á los asuntos tratados en el capítulo anterior, sobre las escuelas de jardinería en Rusia y los jardines escolares en la propia nación. Siguen á éstos otros trabajos

sobre la educación en Corea, la Universidad comercial de Leipzig, la educación mercantil en Alemania y las escuelas de tejidos en la misma nación; la educación en Rusia en general, la escuela rusa de marina mercante, la educación complementaria en Sajonia, el estudio del paludismo en Alemania y las condiciones para la práctica de diversas profesiones en el Japón.

Exámenes y certificados de los maestros en los Estados Unidos (capítulo XXXV).—Antes, el maestro de escuela pública sólo necesitaba satisfacer á las autoridades locales; pero, con el desarrollo de la educación popular y el de las escuelas normales, se ha reglamentado más ó menos el modo de obtener los correspondientes diplomas, en los diversos Estados de la Unión.

Cuestiones actuales y miscelánea.—En los capítulos XXXVI y XXXVII se examinan ciertas cuestiones escolares ó conexas, que vienen preocupando á la opinión, y muchas de las cuales se revisan de un *Report* á otro, añadiendo todo movimiento digno de mención en cualquiera de los asuntos tratados. Los principales puntos comprenden: coeducación de los sexos; leyes de asistencia obligatoria y modos de asegurarla; conducción gratuita de los niños á la escuela; castigos corporales; los estudiantes extranjeros en las Universidades de Europa; sueldos de los superintendentes y maestros primarios y secundarios en los Estados Unidos; estadísticas de las escuelas dominicales; otra nota sobre la educación complementaria é industrial en Alemania; pensiones y sociedades de socorros mutuos para los maestros primarios y secundarios en los principales países; gimnástica atlética; producción artificial de nitratos para la agricultura; las pinturas y decoraciones en las bibliotecas públicas.

La exposición de Omaha.—En el capítulo XXXVIII, Mr. Boykin, que ha estado encargado de las exposiciones del *Bureau* en las de Atlanta (1896) y Nashville (1897), describe los más interesantes rasgos de la internacional de Omaha (Nebraska), celebrada en 1898 y destinada á dar á conocer los productos, industrias y cultura de los Estados occidentales del Mississippi. Merecen

citarse las conferencias del Director de Bellas Artes, Mr. Griffith, que recorría con su auditorio los salones para explicarle los diferentes cuadros y las características de sus respectivas escuelas; el departamento de Artes liberales (pianos, máquinas de escribir, fotografías, artículos de escritorio, joyas, etcétera), independiente del de Manufacturas (comestibles, vestidos, muebles, máquinas de coser, etc.); el de Minería, con sus grandes colecciones de los principales Estados; el de Maquinaria y Electricidad; el de Agricultura, donde se ve que en aquellos Estados han suprimido casi en absoluto el trabajo manual; el de Horticultura; el de Transportes; el Congreso y la exposición de indios, con unos 700, pertenecientes á 41 tribus, destinado á mostrar los diferentes grados de civilización en que se encuentran. Respecto á la Educación, el departamento estaba dirigido exclusivamente por señoras. Llamó especial interés la exposición de los trabajos manuales de la escuela superior de Omaha, con sus lecciones prácticas diarias ante el público. La Universidad de Nebraska y las escuelas para niños anormales eran importantes. La Exposición concedía medallas á los mejores trabajos individuales de los niños de las escuelas. Un Congreso de educación estuvo reunido durante tres días. La exposición del *Bureau*, principalmente, se refería á las fuentes de información sobre los progresos educativos y sus métodos de difusión: libros, folletos, hojas, mapas de todas clases, vistas, fotografías, etc. La mitad de la Exposición del *Bureau* estaba dedicada á mostrar los progresos de la educación en Alaska, cuyo régimen ha confiado especialmente á aquel centro el parlamento.

Universidades é institutos de educación superior.—El capítulo XXXIX es una estadística de esta clase de centros, eliminando los de los Estados Unidos, y formada principalmente con los datos del conocido anuario alemán de las Universidades de todos los países, titulado *Minerva*; el XLII está destinado exclusivamente á los de los Estados Unidos.—En el primero hay un catálogo por orden cronológico, que comienza por la Universidad de El Cairo, fundada en el siglo X, y acaba por la de Gotembur-

go, en Suecia, que data de 1891. Sigue otra segunda lista, conforme al número de estudiantes (en 1897): París (12.047) y Berlín (10.306) son las únicas que preceden á la de Madrid (6.143); en otras listas se incluye á diversas instituciones análogas, de distinta denominación y carácter; una tercera las presenta por orden alfabético; la cuarta, por países, y la quinta, la sexta y la séptima, comprenden respectivamente las escuelas superiores técnicas, las de Agricultura, Montes y Minas, y las de Veterinaria.

En cuanto á las Universidades é instituciones de educación superior en los Estados Unidos, el capítulo XLII comprende: estadísticas de estudiantes (101.058 candidatos ó graduados), en 1897-98, en las 47 Universidades norteamericanas, ya para varones sólo, para mujeres, ó mixtas; propiedades, rentas, donaciones y legados, etc., etc. La cifra de este último capítulo en 1897-98 pasa de 8.000.000 de duros. La suma total gastada en Universidades y demás institutos superiores, es casi de 312 millones de duros; más de $\frac{1}{3}$ de esta suma la constituye fondos permanentes que producen una renta media de 4,8 por 100 anual. El nuevo edificio para la Universidad de Columbia (Nueva York) ha costado unos 6 millones y medio de duros; y todavía anuncia que necesita construir alojamiento para sus estudiantes, salón de fiestas y ceremonias, restaurant y otras dependencias accesorias. La Universidad de Filadelfia ha gastado, en 1896, 400.000 duros en proveer de habitación individual á unos 400 alumnos (1), y su ejemplo parece que

(1) En estos momentos, dice el *N. Y. Herald* de 2 Abril que el Presidente de la Universidad de Chicago, Mr. Harper, hace un año que había recibido de un potentado americano, Mr. Rockefeller, la promesa de un donativo de 2 millones de duros para su Universidad, si él podía reunir otro tanto con el mismo objeto. El plazo de este singular ofrecimiento expiraba el 1.º de Abril; y el Presidente Harper no había logrado obtener á fines de Marzo más de 163.000 duros. Aguijoneado por lo angustioso del tiempo, emprendió entonces una postulación vertiginosa que, á las 12 horas, le había dado la suma convenida. Mr. Rockefeller, con su nuevo donativo, ha dado ya á la Universidad 7.800.000 duros.—Claro es que, en un país como

va cundiendo á las demás, con las ventajas que para la comodidad, higiene, estudio, recreo, economía, fraternidad y vida social resultan de este sistema. De más es decir que en nada se parece á un internado, sino más bien á los colegios universitarios ingleses, aunque todavía más libres, porque están organizados bajo un sistema de *self-government*; acaso tienen mayor analogía con las nuevas creaciones del profesor Geddes en Edimburgo.—Entre otras innovaciones, deben también citarse la abolición de las vacaciones en algunas Universidades, á imitación de la de Chicago; el curso se divide en cuatro trimestres de doce semanas, con una de descanso entre ellos.—Los estudiantes de las universidades y escuelas de enseñanza superior de la Unión, formaban en 1897-98 un total de 144.477; más de 5.000 de ellos son graduados de diferentes facultades que continúan en las Universidades, dedicados á trabajos originales de investigación científica.

La educación en Alaska.—El capítulo XL constituye el 13.º informe anual (1897-98) que el agente general de los Estados Unidos en Alaska, especialmente encargado de la educación en aquel inmenso territorio, presenta al Comisario del *Bureau* de Washington, que dirige la organización de dicho servicio. El *Report* comienza con una des-

el nuestro, sería ridículo pedir que se obtuviesen donaciones de esta importancia; pero este mismo país, cuando pertenecía á la comunión de la cultura europea, como órgano digno de la Humanidad, daba ejemplos de liberalidad, relativamente, tan importantes como éstos. Hoy mismo, para otros fines que de ningún modo tocan á la ciencia, y á veces, ni aun á la educación, al menos de una manera directa, tampoco se muestran tan avaras como se dice nuestras clases ricas: si se comparan las sumas que, en un espacio, v. g., de 30 años, ha dado la caridad privada, por ejemplo, á conventos, con los que ha destinado á escuelas, hospitales, sanatorios, asilos, colonias de niños, bibliotecas, museos, auxilios á la ciencia, al arte, á las clases obreras, etc., la desproporción es verdaderamente enorme, y aparece evidente la distinta orientación de las liberalidades entre nosotros y en otros pueblos, especialmente los anglo-sajones, que sienten por igual todas las necesidades de la vida social y racional humana.—*N. de la R.*

cripción del país, principalmente desde el punto de vista de la dificultad de las comunicaciones; pues la parte mayor es prácticamente tan inaccesible, que sólo pueden recibir el correo de los Estados Unidos una vez al año. El coste de un ferrocarril por regiones tan difíciles y donde los trabajos durante nueve meses tendrían que hacerse de noche, se calcula que llegaría á un millón de duros por milla (1.800 metros); y á pesar de hallarse en esta región las famosas minas de oro del Klondike (de tan trágica historia), no habría negocio alguno capaz de compensar tales gastos. Para transportes terrestres tiene, pues, la mayor importancia la domesticación y multiplicación del reno, único animal de arrastre (como también de carne y de piel útil) capaz de alimentarse con el musgo, la sola vegetación del N. y el O. de Alaska. El capítulo XLI constituye el 8.º informe anual sobre este particular asunto. La región del S. E. está, por el contrario, en comunicación durante todo el año con Washington, y posee arbolado y ciertos medios de vida.—En cuanto á la educación, abraza dos grupos de niños: los indígenas (esquimales é indios) y los niños de las familias blancas que en tan gran número han afluído al país por la atracción de las minas. La administración de las escuelas, para estos últimos, en los varios distritos tiende á constituirse sobre la base del *self-government* local, á fin de interesar á la población en esta obra. Toda la sección S. E. tiene además un superintendente, desde 1890. Entre sus 20 escuelas se cuenta la industrial de Sitka, que procura impulsar el progreso de aquellos oficios más indispensables en sociedades tan rudimentarias: tiene más de 1.500 alumnos y unos 27 maestros).

Escuelas profesionales.—Después del capítulo XLII (ya resumido antes, al tratar de la educación superior), el XLIII contiene diversas estadísticas relativas á las escuelas de Teología, Derecho, Medicina, Odontología, Farmacia, Veterinaria y asistencia de enfermos y otras estadísticas financieras, que consignan las concesiones de tierras públicas que desde 1862 han recibido del Congreso.

Escuelas normales.—El número de los estudiantes que siguen los cursos de 1.439 instituciones de esta clase, era de 89.225, según el capítulo XLV: la mitad, en escuelas normales públicas, y el resto en otras privadas, en los cursos normales universitarios y en secciones especiales de ciertas escuelas secundarias. Sólo dos ó tres Estados carecen de escuelas normales oficiales. Tres cuartas partes de los alumnos y graduados son mujeres.

Escuelas secundarias.—Aumentan de año en año sus alumnos (cap. XLVI), que en Junio de 1898 ascendían á unos 650.000 (casi 41.000 más que el año anterior). Más de los $\frac{3}{4}$ corresponden á las escuelas públicas secundarias. Las privadas, las academias, las secciones secundarias de las normales y de ciertas escuelas primarias, los departamentos preparatorios de los colegios, etc., se distribuyen la otra cuarta parte. El número de las alumnas excede en 100.000 al de los alumnos.

Sistemas de escuelas de ciudad.—El capítulo XLVII comprende diversas estadísticas referentes á las escuelas de las 41.164 poblaciones de más de 8.000 habitantes: matrícula, asistencia, aumentos, personal, gastos, etc., así como su comparación con los datos de las escuelas de las pequeñas poblaciones que oscilan entre 4.000 y 8.000 habitantes. Para dar una idea de la organización de este servicio en las capitales más importantes, como Boston, Chicago y Nueva York, diremos que, en cada una de ellas, todo depende de un superintendente (cuyo sueldo oscila entre 4.000 y 7.000 duros), varios inspectores (*supervisors*) para diferentes especialidades en los distintos grados, y los directores, maestros, profesores especiales, ayudantes, instructores, etc., de las escuelas normales, secundarias (*high, latin, grammar schools*), primarias, nocturnas y jardines de la infancia.

Enseñanza manual é industrial.—El capítulo XLVIII contiene estadísticas de las ciudades en que se enseña el trabajo manual, con y sin dibujo, así como asociado con el industrial, propiamente dicho (carpintería, torno, talla, forja, costura, tintorería, cocina, jardinería, imprenta, dibujo

mecánico, ídem artístico, modelado y vaciado, electrotecnia, cestería, maquinaria, panadería, platería, lavado, albañilería, zapatería, ingeniería, fundición, higiene y cuidado de enfermos, etc., etc.) También presenta el cuadro de las 24 escuelas industriales especialmente consagradas á los niños indios.

Educación comercial.—De esta educación, llamada también *business education* (de negocios), y que desde 1840 comenzó á establecerse en los Estados Unidos, trata el capítulo XLIX. Cerca de 71.000 estudiantes la reciben en 337 escuelas especiales, cuyo número va disminuyendo, á medida que ciertos establecimientos secundarios abren secciones especiales al efecto; en 172 universidades y colegios existen hoy estas secciones. La más célebre institución superior de esta clase es la *Escuela de hacienda y economía* de la Universidad de Pensilvania, fundada en 1881 en Filadelfia, por Mr. Wharton, y cuyo curso dura cuatro años, comprendiendo Matemáticas, Contabilidad, Química, Geografía física y económica, Alemán, problemas y doctrinas actuales de la Economía, Legislación, Literatura inglesa, Derecho constitucional, Historia, Política comparada, Administración, práctica comercial, Sociología, Lógica, Instituciones locales, Estadísticas, Transportes, Ética, etc. A su imitación, las universidades de California y Chicago han establecido en 1898 departamentos análogos, de carácter también superior.

Educación de la raza de color.—En el capítulo L se insertan interesantes estadísticas respecto de la educación de los negros en los Estados Unidos.—En el Sur (los antiguos Estados esclavistas y el distrito de Columbia), los niños de color se educan en escuelas públicas aparte de las de los blancos, y eran, en 1897-98, más de millón y medio, contra más de 4.100.000 de éstos; aunque la población total de edad escolar (de 5 á 18 años) en esos Estados pasa de 8 millones y medio, la tercera parte de la cual pertenece á la raza de color. Las escuelas destinadas á ésta, cuestan anualmente unos 6 millones y medio de duros.—Para la educación secundaria y superior de esta raza,

exclusivamente, hay cerca de 180 escuelas en los diversos Estados de la Unión (no sólo en los del Sur), con más de 42.000 alumnos, de los cuales pasan de 23.000 las mujeres; pero, en los grados superiores (unos 2.500 estudiantes), forman sólo la cuarta parte, volviendo á superar bastante en la enseñanza industrial. La comparación entre los analfabetos blancos, de más de 10 años, y los negros, da un 7,7 por 100 en la población total de los primeros, contra un 56,8 de los segundos: las cifras son de 1890. Es de notar que los Estados del Sur son los que presentan mayor tanto por ciento de analfabetos, en una y otra raza.

Escuelas para deficientes.—El capítulo LI presenta las estadísticas de las escuelas para los tres grupos de alumnos comprendidos en esta clase. Para los ciegos hay 36, con un total de alumnos de más de 10.360; la mitad próximamente pertenece á cada sexo. Las escuelas comprenden, desde los jardines de niños, á la enseñanza musical y á la industrial.—Las de sordo-mudos son 105, con unos 10.800 alumnos. Una tercera parte se educa por el método oral; de las otras dos, una sigue el método manual, y otra el sistema mixto. En estas escuelas hay también jardines de la infancia y departamentos industriales.—Por último, las instituciones para los débiles de espíritu son 29; y de sus alumnos, que pasan de 9.000, hay unos 900 en jardines de la infancia, y unos 1.800 que aprenden música ó industrias.

Escuelas de reforma.—Los institutos de corrección para menores (capítulo LII) son 87, con unos 23.500 alumnos, en las secciones primarias, y 18.000 en las industriales. Las estadísticas dan su clasificación por raza, sexo, nacionalidad, etc.

Jardines de la infancia.—El capítulo LIII da cuenta de la existencia de más de 3.500 privados y más de 1.300 públicos; pero gran parte de los primeros se fundan y suprimen con extraordinaria frecuencia: por lo cual, así como por la irregularidad de sus estadísticas, sólo se exponen las de 1.519, con más de 47.800 alumnos. Se supone que el grupo no reseñado comprende próximamente otros tantos. Los públicos tienen casi 96.000 discípulos, lo cual haría acercarse la

población total de estas instituciones á unos 200.000 niños. La ciudad de San Luis fué la primera que incorporó los jardines de la infancia á su sistema de educación pública.

Necrología de 1897 (americana, inglesa y de los restantes países).—Comprende el capítulo LIV la noticia de los más importantes personajes, con respecto á la ciencia y á la educación, fallecidos en el año expresado.

Estadísticas de la educación primaria en los países extranjeros.—El capítulo LV se reduce á un cuadro comparativo de la primera enseñanza en 97 naciones y colonias, clasificadas por el sexo, matrícula y asistencia de su población escolar, maestros, gastos, etc.

Un detallado índice alfabético termina el tomo.

REVISTA DE REVISTAS

—
ALEMANIA

Zeitschrift für Schulgesundheitspflege.

(Revista de higiene escolar, Hamburgo.)

FEBRERO

La escuela al servicio del derecho penal, por el profesor Zürcher.—Teniendo por precedente un decreto del Ducado de Sajonia-Meiningen (25 Abril 1857), en que se confiaba al maestro la ejecución de las penas judiciales impuestas á los delincuentes de edad escolar, aunque fuesen de privación de libertad (en la escuela) ciertas leyes suizas de 1892 y 1893 procuraron sustraer al joven escolar á la jurisdicción del juez, en cuanto á las causas leves, elevando por de pronto el límite de la edad penable á 14 y 16 años, respectivamente, y después, facultando al juez de paz para encomendar al maestro el cumplimiento de los arrestos. Encargada desde 1898 la legislación penal al Estado federal, se ha reunido en Berna una delegación del magisterio suizo, la cual ha aprobado unas bases generales—que más tarde han de tener en las secciones de la Sociedad de maestros especial discusión—declarando ineficaz para el niño la penalidad y los procedimientos judiciales aplicados al adulto, y erigiendo al maestro en juez

único de las faltas públicas del alumno, como lo es ya de las escolares. De esta suerte, el niño no sufrirá penas inadecuadas á su naturaleza, dictadas y aplicadas por personas que ni conocen esa naturaleza en general, ni individualmente al niño, de que en cada caso se trata.

La cuestión de los médicos escolares en Stuttgart, por el Dr. Banz.—Aun reconociendo el mérito del informe presentado sobre este asunto por el Dr. Knauss, médico titular de aquella ciudad, combate su opinión de que son todavía insuficientes los resultados que hasta hoy ofrece esta institución para defender su establecimiento en todas partes. Dice que el fin principal de ella debe ser el examen individual del niño y la inspección del edificio escolar; en cuanto á los demás fines que el citado médico echa de menos, á saber, la calificación del alumno respecto de sus condiciones para aprender, el habilitar á los dependientes para que cumplan debidamente sus obligaciones, y sobre todo, la capacitación del maestro hasta tomar sobre sí el peso capital de la higiene de su escuela, son cosas que vendrían de suyo. Encuentra bastante, para poder ya juzgar, el período de dos y tres años que llevan funcionando los médicos escolares en muchas ciudades de Alemania; y en cuanto á las otras objeciones relativas á si tiene la escuela (es decir, el Estado) derecho á reconocer á los alumnos, ó si han de producirse rozamientos entre los médicos escolares y las familias, apenas merecen refutación, después de cuanto se ha dicho antes de ahora sobre el asunto.

Los botiquines escolares, por el Dr. Feilchenfeld.—Enumera los 23 objetos y medicamentos que deben contener, y da las precisas instrucciones sobre su empleo en cualquiera de los casos siguientes: heridas, fracturas de huesos, dislocaciones y torceduras, cuerpos extraños en el oído, la nariz ó los ojos; hemorragias nasales, dolores de dientes ó muelas, de cabeza, calambres, debilidad, vómitos y diarrea.

Sociedades y reuniones.—Termina su discurso en la Sociedad científico-escolar el maestro G. Voller (de Hamburgo), aduciendo nuevos argumentos á favor de la prime-

ra de sus tesis, para probar que el médico escolar llena perfectamente el vacío que se nota de un lazo de unión entre la autoridad superior escolar y la comisión de nuevas construcciones, y que su tarea debe ser la de inspeccionar la condición higiénica del edificio, del alumno y de la instrucción misma. Resume las demás tesis comprendidas en su trabajo, á saber: 2.^a En el reglamento de los médicos escolares, se determinarán sus relaciones con el maestro, de tal suerte, que sea éste quien ejecute todo acuerdo. 3.^a Deben tener á los maestros al corriente de las condiciones higiénicas de sus respectivas escuelas, y dar en las normales la enseñanza de la higiene. 4.^a Cada médico escolar debe sólo tener á su cargo dos escuelas, cuando más, ó sea unos 1.000 alumnos. Todos reunidos formarán una corporación dependiente del Consejero de medicina, y deben celebrar sesiones ordinarias para deliberar sobre los asuntos que les están encomendados.

Varietades y noticias.—Ha continuado el Dr. Ignatieff las observaciones empezadas en 1897 con alumnos del Instituto Constantino de agronomía, de Moscou, durante el período de exámenes: los resultados de aquéllas, por lo que se refiere sólo al peso del cuerpo, han sido deplorables, sobre todo en alumnos débiles ya por consecuencia de enfermedad anterior, y en los nerviosos en general y neurasténicos en particular; el término medio de la pérdida de peso varió entre 2,2 y 4,9 kilogramos durante los 22 á 52 días del período de exámenes. La Revista censura con energía este tormento, que en mal hora se pretende equiparar al juicio fundado y constante de los profesores.—Gran aceptación continúa obteniendo en Italia la escritura vertical; el profesor Colombini ha sido premiado por su método en la Exposición de higiene de Milán.—Después del censo industrial publicado en Wurtemberg el año 1895, aparecen agravadas todavía en el de 1898 las circunstancias tocantes á la ocupación de los niños de edad escolar en las industrias; para remediar este mal, se hacen precisas disposiciones del Imperio que regulen el trabajo del niño, hasta en la agricultura y

en la industria doméstica, en consonancia con ciertas reformas en la instrucción primaria.—Las escuelas mixtas de Finlandia, establecidas desde 1883, continúan en progreso creciente; hoy existen 30 gimnasios, y casi en toda localidad hay escuelas elementales de este género sostenidas por sociedades. Se ha demostrado en ellos que las alumnas comparten las tareas de las clases sin detrimento alguno de su salud.—Una estadística de tres clases de una escuela de Anhalt muestra que allí es tan general en la población escolar como en la de Bonn el uso de las bebidas alcohólicas.—En Hannover se ha prohibido ocupar á los menores de 12 años en los juegos de bolos, y limitado las horas de este trabajo á los que pasen de aquella edad.—Aboga la Sociedad agrícola de la Prusia Oriental por que se deje libre á los escolares la mitad del día, con lo cual ganarían la salud de éstos, el hogar y á la vez las labores del campo.—Una revista profesional encarece la necesidad de la gimnasia para la mujer, puesto que la vida sedentaria de ésta lo exige con mayor razón; añade que los ejercicios han de ser distintos de los del otro sexo.—Otra de igual índole lamenta la pasividad que suele observarse entre los alumnos con respecto á los ejercicios gimnásticos, á los cuales prefieren á menudo las distracciones sedentarias; pero esto no suele ser sino defecto de la misma educación física, á la cual no se ha sabido dar el interés ó quizá la dirección conveniente á sus elevados fines.—Los ensayos hechos en Eberfeld empleando caballetes para la enseñanza de la natación han dado excelentes resultados, hasta el punto de bastar once lecciones por término medio para que los alumnos se suelten á nadar, sin más.—Insiste el Dr. Reck sobre los peligros de la bicicleta antes de los 16 años, sin conveniente dirección, así como los de la exageración de este ejercicio.—La ciudad de Munich, representada por sus autoridades y corporaciones científicas, ha dedicado una medalla de oro al ilustre doctor Pettenkofer, maestro decano de la ciencia de la higiene, al cumplir sus 80 años.—El Senado de Hamburgo ha presentado á la aprobación de la ciudad un proyecto de ley

de enseñanza en que se prescinde de los médicos escolares, cuya institución halla que invade los derechos de los padres, sin que tenga utilidad práctica, pues los actuales médicos pueden muy bien resolver, de acuerdo con la autoridad escolar, todas las cuestiones de salubridad en la escuela, —En cambio, la ciudad de Nueva York ha establecido como ensayo la visita diaria de todos los alumnos de las escuelas públicas, por 210 médicos.—El criterio en la fundación de las escuelas auxiliares de Berlín para niños mentalmente débiles, es que la separación dure lo menos posible; que el maestro sea quien informe cada seis meses al inspector, y éste decida el ingreso de aquéllos en la escuela común ó su continuación en la auxiliar. Las enseñanzas en ésta duran sólo dos horas diarias: religión, alemán, escritura y cuentas; con preferencia, lecciones de cosas, y en ciertos casos trabajo manual.—Muchos casos de convulsiones epilépticas, ocurridos en niños de Syrau, se atribuyen á su excesivo trabajo en las industrias textiles.—En contraposición á la idea de eximir del trabajo, en lo posible, á los niños de edad escolar, muchas veces exigen las instituciones de beneficencia á los pobres á quienes socorren, que hagan trabajar á sus hijos para contribuir á las atenciones de la familia.—El gobierno de Kasan (Rusia), ha prohibido el espectáculo de luchas en el circo, porque los estudiantes, movidos por este ejemplo, las organizaban entre sí.—Una revista suiza publica el número de jóvenes delincuentes (de 16 á 20 años) que sufren condena en las prisiones de aquel país. Con este motivo aboga por que se eleve la edad que el nuevo proyecto de Código penal establece para la responsabilidad por delitos y faltas.—La sociedad de la «Federación internacional» de Berlín, ha establecido cursos gratuitos de higiene para alumnos y alumnas de 12 á 16 años, á cargo de un profesor y una profesora (ambos médicos), respectivamente.—De 30 de Agosto á 6 de Setiembre se celebrará en París un Congreso de educación física para tratar del concepto de ésta, de su propagación y de las condiciones científicas del perfeccionamiento corporal é intelectual del hombre.

Disposiciones oficiales.—Del Gobierno de la Baja Austria, mandando habilitar recintos aislados, en los establecimientos de beneficencia y de enseñanza, para los atacados de enfermedades contagiosas (30 Octubre de 1899).—Del Ministerio de Justicia de Austria, encomendando á los Tribunales su intervención para ejecutar las prescripciones vigentes sobre protección á la infancia (3 Diciembre 1899).

Libros nuevos.—*Eficacia de la apercepción en las relaciones pedagógicas de la vida escolar*, por el Dr. A. Messer. Berlín, 1899. (En alemán). Pertenece á la colección de estudios de psicología y fisiología pedagógicas, de Schiller y Zichen (en sentido herbartiano) y trata con verdadera reflexión científica de las mútuas relaciones que entre el maestro, sus superiores, las familias y los alumnos, se desarrollan durante la vida escolar. Tiene especial interés el capítulo donde prueba que «influye muy desfavorablemente en el sistema de educación la falta de ideas y de conocimiento científico y completo, de la fisiología del niño en el maestro».—*Psiquiatría y cura de almas*, por A. Römer. Berlín, 1899. (En alemán). Dirige el autor este libro, como guía para reconocer y curar los trastornos nerviosos de nuestra época, á los eclesiásticos y á los capellanes de establecimientos de dementes, tratando de buscar con él una inteligencia entre la psiquiatría y la cura de almas, y en primer lugar, la línea divisoria entre la enfermedad mental y el estado de salud completa. Combate la intransigencia del dogma, según el cual hay que rechazar toda dolencia como imposible en el alma inmortal. Conforme al sistema corriente, divide las psicosis en orgánicas, idiopáticas y constitucionales, describiendo con claridad sus cuadros patológicos (según Kräpelin, principalmente), y combate los elementos morbosos que contribuyen á sostenerlos, v. gr., los peligros sociales del alcoholismo, la prostitución, etc., así como los prejuicios tocante á los manicomios.—*El librito samaritano*, por el Dr. Baur. Con 12 grabados. Stuttgart. (En alemán). Sumamente útil para el rápido auxilio en caso de accidentes.—*Causas del nerviosismo de los niños, aparte de la escuela*, por el profesor

A. Cramer. Berlín, 1896. (En alemán). Las divide en internas, como la herencia, y externas, como, en primer término, las enfermedades propias de la infancia, y particularmente el regreso á la escuela antes de concluir en absoluto la convalecencia; el trauma, físico ó psíquico; el castigo corporal, que al niño sano no le hace bien, pero al nervioso y retrasado no hace más que perjudicarle mucho; la vida de familia en la cual la vanidad y la costumbre dan excesiva importancia al niño, á costa de sus nervios, los vicios solitarios y otras varias causas.—
J. ONTAÑÓN.

FRANCIA

Revue Pédagogique. — Paris

DICIEMBRE

La enseñanza visual, por M. P. Félix Thomas.—Nos encontramos en el momento de más favor para la enseñanza visual, aplicada directamente á los objetos, cuando esto es posible, ó por medio de imágenes (fotografías, proyecciones, grabados), repartidas con verdadero lujo en todos los libros. Sin duda, la vista es el sentido más accesible al mundo exterior, el que produce imágenes más ricas en detalles y en asociaciones: es indispensable para la educación. Ahora mismo se acaba de hacer, por el profesor Bézard, la aplicación del método visual á la enseñanza del latín, exponiendo constantemente á la vista de los alumnos cuadros sencillos que contienen los principios fundamentales de aquella lengua. Los resultados, pendientes aún de la sanción de una práctica más larga, parecen buenos y son una recomendación del sistema. Pero, se pregunta el autor, ¿se ha de dar importancia á la vista, en la enseñanza, á costa de los demás sentidos? ¿Se la debe considerar como fuente única? De ninguna manera. La utilidad de la vista estriba en que despierte la necesidad de informaciones de otra especie; en que el niño, *viendo* una cosa, quiera saber el cómo y el porqué. De lo contrario, se caerá en la superficialidad. El autor cita un caso que lo demuestra: ante auditorios igualmente preparados, se han dado dos conferencias sobre el mismo asunto; en una, pre-

dominaron las proyecciones sobre las explicaciones; en la otra, conservando las proyecciones estrictamente necesarias, se atendió más al texto. Interrogados al cabo de cierto tiempo, oyentes de una y de otra, los de la primera no conservaban más que detalles; los de la segunda, ideas precisas y encadenadas. Concluye M. Thomas, diciendo que la enseñanza visual «no es una panacea universal», ni menos «una diversión frívola»; sino un medio seguro de llegar al alma del niño, á condición de que se tenga bastante inteligencia y tacto para emplearlo.

La retribución escolar y las escuelas libres, por M. Maurice Pellisson.—El «Boletín de la Sociedad general de educación y de enseñanza», dedicado hace tiempo á luchar contra la enseñanza pública, inserta un artículo del Marqués de Moussac, que se ocupa de la crisis por que atraviesan las escuelas católicas. Proviene esa crisis de la disminución progresiva de las suscripciones con que se sostienen aquellas escuelas. M. de Moussac propone que se recurra á la retribución escolar, que tendrá, á su juicio, dos ventajas: aumentar el alumnado (pues muchos padres no tendrán escrúpulos en enviar á sus hijos á una escuela de pago, como ahora los tienen para que asistan á las que puede frecuentar todo el mundo) y resolver las dificultades económicas.

Informe dirigido al Ministro de instrucción pública sobre el examen para el profesorado de las escuelas normales; sección de letras (1899), por M. F. Martel.—La desproporción entre el número de aspirantes y el de admitidos demuestra que en la mayoría de los casos la preparación es insuficiente, y el examen prematuro. *Composiciones escritas:* a) Literatura. Se advierte que los candidatos leen poco las grandes obras, y demasiado los manuales. b) Moral y psicología, aplicadas á la educación. Se nota progreso: hay más concisión; pero en las composiciones se atiende poco á las ideas capitales. c) Historia. La mayoría de los aspirantes olvidan los hechos de orden intelectual: no hablan más que de historia política. d) Geografía. Poco conocimiento del estado actual. e) Lenguas vivas. Aconseja el autor que se atienda más á la lectura y al estudio del texto, y no sólo

á la gramática. *Pruebas orales.* Hay cierto progreso en la lectura explicada, pero con demasiada frecuencia se hace una lección al lado del texto, no se estudia y explica éste.

La unión de las enseñanzas secundaria y primaria, por M. G. Dodu. Los muros que dividían los tres grados de la enseñanza dentro de la Universidad, empiezan á caer. La secundaria y la primaria se aproximan: aquella rompió el hielo, ante la ocasión que la primaria le ofrecía, al establecer la enseñanza post-escolar. Los profesores de los colegios y liceos, acudiendo á compartir la tarea con los maestros, éstos y sus hijos entrando y siendo recibidos con preferencia en los centros de segunda enseñanza, han dado el primer paso. No faltan todavía prejuicios que vencer: recientemente se ha abierto oficialmente la primera enseñanza á los profesores de la segunda; pocos han aceptado la invitación. Pero, á poco que el elemento oficial sancione la cooperación de individuos de los tres grados en Consejos, juntas, tribunales, etc., la unión, deseada por todos, será un hecho.

Congreso internacional de enseñanza técnica en 1900, por M. F. Martel.—Publica el programa, que comprende: *Sección comercial:* 1.º Enseñanza comercial para las jóvenes; 2.º Formación de profesores y maestros; 3.º Utilidad de una oficina comercial en las escuelas de comercio; 4.º Cursos comerciales de adultos. *Sección Industrial:* 1.º Enseñanza industrial para las jóvenes, 2.º Formación del profesorado; 3.º Utilidad de las escuelas de aprendizaje industrial. 4.º Cursos industriales, y 5.º Medios de retener á los alumnos en las escuelas de aprendizaje.

La enseñanza de la historia en la escuela primaria, y la historia local, por M. J. A. Rayer.—Explica el autor cómo entiende aplicar la enseñanza de la historia local á la de la general, á la que todos los pueblos han contribuido, en mayor ó menor grado, con hechos y hombres.

La instrucción obligatoria en Italia (3.º artículo), por M. Emile Haguénin.—*El espíritu, el método, y los programas.* En materia de educación moral, es difícil dar instrucciones detalladas; la ley se limita á señalar al

maestro los principios en que debe fundarse. Ha de respetar las creencias de cada individuo, y como regla general, debe enseñar, más que con la palabra, con el ejemplo; después, todo queda confiado á su tacto. La lectura y la escritura son simultáneas desde el primer curso. La enseñanza de la lengua, repartida de una manera algo complicada en las cinco clases, es esencialmente práctica. La gramática tiene una importancia secundaria; no se la destierra por completo, como se ha pretendido no hace mucho, pero tampoco se prodiga; y en todo caso, se apoya siempre en ejercicios prácticos, y sobre todo, en la composición oral, resúmenes de lecturas que los alumnos hacen en su casa, no obligando nunca á los niños á hablar de cosas que no saben. También es secundario el papel de la memoria en todo el plan. La aritmética es, asimismo, práctica. La historia, la geografía y la instrucción cívica, reunidas con acierto, para enseñar el conocimiento de la patria, se dejan para los últimos años, aunque el maestro, con discreción, puede iniciarlas en los primeros. En lo que se refiere á la historia, como se trata de una nación formada modernamente, casi no se ocupa más que de los tiempos contemporáneos. La geografía se empieza por el plano de la clase y se va ensanchando progresivamente. Las ciencias naturales no se enseñarán por lecciones sistemáticas, sino ocasionales. Los niños deberán salir con frecuencia de la escuela para ver y estudiar los productos naturales ó industriales. El autor del artículo encuentra que estas instrucciones especiales y programas, inspirados en ideas de primer orden, dicen demasiado poco, y que el maestro debe sentirse, en consecuencia, falto de apoyo y de consejo. En su interés y en el de la enseñanza, convendría más precisión y más previsión.

Conversaciones científicas. La traspiración de los vegetales y la mulla del suelo, por M. P. Dehérain.

Revista de la prensa.—Journal des instituteurs, 22 Octubre. E. Toutey: *La escuela primaria y las lenguas vivas*. Nota la importancia de esta enseñanza, que da una superioridad innegable para las profesiones téc-

nicas y comerciales á los jóvenes alemanes. *Revue des Revues*, 1.º Noviembre. Dick May. *La Universidad de la calle de Danton*. Dice que merece este nombre la escuela formada en el hotel de las *Sociétés Savantes*, que comprende: colegio libre de ciencias sociales; escuela de periodismo; escuela de moral; y pronto, escuela de arte. Da á conocer su organización.—*Revue politique et parlementaire*, 10 Noviembre. Fournier, *Dos iniciativas de enseñanza popular y de paz social*. Se refiere á la *Universidad popular* del barrio de St.-Antoine y á la *Fundación universitaria de Belleville*, dos centros de «Extensión.»

Los libros.—Moral social, lecciones dadas en el Colegio libre de ciencias sociales, con prefacio de M. E. Boutroux. El título basta para comprender el carácter del libro.—*Páginas escogidas de Sainte-Beuve*, publicadas por H. Bernés.—*Las mujeres en la comedia francesa é italiana en el siglo XVIII*, por Ch. Dejob.

Bibliografía de la enseñanza primaria: 1897 (continuación). Lista de unas 70 obras.

Crónica de la primera enseñanza en Francia.—Circular del Ministro de Comercio é Industria, haciendo una llamada á todos los centros que de él dependen para que se asocien activamente á las obras complementarias de la escuela.—GONZALO J. DE LA ESPADA.

ENERO

Aviso.—Anuncia el aumento de páginas y algunas otras modificaciones.

Una información pedagógica en el curso medio de las Escuelas primarias del Norte, por M. G. Lefèvre.—La inició y dirigió en Mayo del 99 M. Pierre, Director de 1.ª enseñanza del Norte (hoy Director de la Escuela Normal Superior de Maestros de Saint Cloud), con la cooperación de M. Minet, inspector primario, y del autor, Profesor de Ciencia de la Educación en la Universidad de Lille. Los niños consultados fueron 37.000; las cuestiones, 41; el procedimiento pedir al mismo tiempo á cada alumno, incomunicado con sus compañeros, una respuesta por escrito á cada cuestión, sin ser influido por el maestro, ni aun so pretexto de aclaración á las cuestiones,

y concretándose á un *si* ó un *no*, ó, cuando no cupiese esto, á una sola palabra. Los resultados son bastante sinceros: baste saber, por ejemplo, que más del 67 por 100 de los niños declaran haber fumado, y otros tantos (niños y niñas) que, cuando llevan malas notas, los castigan sus padres. Otras observaciones discretas hace el autor, que ha tomado precauciones muy juiciosas para su información. Las 41 preguntas del cuestionario se refieren á preferencias por las diversas asignaturas, asistencia á la escuela, lecturas, deseos para el porvenir, gustos, amistades, etc. Un resultado que acaso sorprenderá á los prevenidos (sin razón) contra la inclusión de la historia en la escuela: es la enseñanza preferida, para los varones, como para las niñas; así como el cálculo es la que menos les gusta. Los demás pormenores, y su interpretación, son igualmente instructivos.

El Congreso de Tolosa y los Congresos de la Exposición de 1900, por M. P. Beurdeley.—La Liga francesa de la enseñanza (fundación de Juan Macé) celebró un Congreso en Tolosa (en Noviembre último), cuyo programa se refiere á la educación post-escolar de los adultos, del aprendiz, del empleado, del obrero; educación reparadora para unos, complementaria para otros. He aquí los temas: 1.º Propaganda; patronato de la juventud; cursos de adultos; conferencias. 2.º Asociaciones de antiguos alumnos (de uno y otro sexo); su relación con las análogas de la 2.ª enseñanza. 3.º Solidaridad post-escolar; mutualidad escolar. 4.º Bibliotecas populares, fijas y circulantes, etc. 5.º Economía doméstica. Las conclusiones de las cinco comisiones respectivas, adoptadas por el Congreso en las sesiones generales, han sido demasiadas, según el autor. Piden la extensión de los patronatos á todos los órdenes de la educación, desde la primera infancia hasta el regimiento; que se asocien lo más íntimamente posible las familias á los estudios y á los recreos de los niños; que se vigilen cuidadosamente las fiestas escolares; que se favorezcan las colonias de vacaciones, á expensas de las Asociaciones de alumnos, etc.; que las conferencias y cursos, sean profesionales, sean

educativas y de cultura, tengan el carácter más sólido y útil, aprovechando además las colecciones de vistas de la Sociedad nacional de conferencias populares; que se dé cada día más importancia á la campaña anti-alcohólica; que no se abandone la educación, la instrucción, la moralidad, ni el recreo de los jóvenes, al entrar en el regimiento; que se amplíe la educación de las niñas en la economía doméstica; que se asegure más y más la libertad de conciencia del maestro; que el personal de las escuelas públicas proceda exclusivamente de las Normales (contra las congregaciones religiosas).—El Ministro de Instrucción, M. Leygues, pronunció el discurso de rúbrica en la sesión de clausura.

La poesía de los tiempos modernos, por M. C. Bouglé.—Es un extracto de la conferencia hecha por el autor en Montpellier, con motivo de la apertura de las sesiones de la Sociedad de enseñanza popular. Trata de la poesía que tiene nuestra época, contra los que la acusan de un prosaísmo que piensan trae consigo el predominio de la democracia, la industria y la ciencia, y echan de menos otros tiempos, donde la aristocracia cincelaba y refinaba el gusto, la naturaleza no había sido trastornada por el ingeniero, ni el laboratorio había acabado con la fantasía.

El banquete de la prensa de enseñanza, por M. V. Petit.—Reseña de la segunda fiesta de este género, presidida por el Ministro, que ha hecho declaraciones importantes, tanto respecto de la necesidad de exigir garantías al personal de las escuelas públicas (alusión á las peticiones del Congreso de Tolosa), como de la educación y patronato post-escolares. Después, se trató del Congreso de la prensa pedagógica, que se celebrará en París del 9 al 11 de Agosto, y cuyo programa comprende: 1.º, función de la prensa de enseñanza; 2.º, organización de un centro internacional de noticias sobre las cuestiones pedagógicas; 3.º, la prensa y la educación popular; 4.º, relaciones entre los diversos órdenes de la enseñanza; 5.º, medios de asociar á las familias á la enseñanza y la educación, y 6.º, solidaridad moral y material de esta clase de prensa.

El cuerpo y el alma del niño, por M. Chabot.—Es una crítica del libro del doctor M. de Fleury, que lleva este título, y que apareció antes en el *Figaro*, en forma de artículos.—En educación física, M. de Fleury condena la gimnasia francesa, los paseos aburridos, la alimentación de los internos en los liceos, por insuficiencia y por uniformidad, elogiando el régimen inglés en estos puntos, y en general, en todo ese orden.—En cuanto á la educación moral, procura conciliar sus ideas personales, espiritualistas y católicas, con otras muy distintas; sigue á M. Demolins, acusando á los liceos de faltas, á veces imaginarias (v. g. de mantener el calabozo y otros castigos, suprimidos hace tiempo). La parte más característica del autor es su terapéutica pedagógica, bien conocida, y compuesta de hidroterapia, electroterapia, reconstituyentes, inyecciones de suero artificial, etc. (1), apoyando su explicación en las funciones de las neuronas y en las localizaciones cerebrales. Siguiendo, dice, á Santo Tomás, afirma que el alma se encarna en el cerebro, absolutamente como Cristo en la hostia, sin que, «en su vida terrena, sus facultades se distinguan en manera ninguna de las funciones de la corteza gris.» La salud y la enfermedad morales dependen sólo del mecanismo cerebral. «La cólera no es más que un ataque de nervios... neurastenia ó hiperestenia.» Remedios expeditivos: leche, baños, gimnasia, aceite de hígado de bacalao, etc., «para lograr, de un modo duradero, inofensivo y metódico, lo mismo que el champañ y el café logran momentáneamente.» Análogo tratamiento recomienda para el miedo, la tristeza, la pereza, etc., etc. Pero M. Chabot encuentra que la psicología del Dr. de Fleury es algo superficial, metafórica y anticuada; su patología y su terapéutica del carácter, demasiado simplistas; su pedagogía, superficial; su confianza en los recursos «del médico moderno,» excesivamente optimista é impremeditada. Sin

(1) El Dr. de Fleury la ha detallado muy detenidamente con aplicación á *El tratamiento de la indolencia*, en un artículo, así titulado y publicado en la *Fortnightly Review*, Mayo de 1898.—N. de la R.

embargo, en ocasiones, le parece que acierta: sobre todo cuando titubea, ó se contradice, y cuando temple su idolatría del anglosajón y de M. Demolins por «el sentimiento práctico, hereditario, de la medida,» propio del temperamento nacional francés. Especialmente celebra sus observaciones sobre la pureza de costumbres de los muchachos.

Crónica de la primera enseñanza en Francia.—Creación en la Universidad de Lille de una cátedra de *Ciencia de la Educación*, que antes constituía un curso interino, encargado á M. G. Lefèvre, desde ahora profesor titular.—Bajo la presidencia de M. F. Buisson, se está organizando una «Sociedad libre para el estudio psicológico del niño,» mediante investigaciones individuales ó colectivas acerca de su desarrollo físico y psíquico; las sesiones serán mensuales.—Discurso del inspector de Academia, M. Dessez, en la inauguración de una escuela pública de niñas, sobre la educación que les conviene: insiste en que lo importante es saber, no las reglas gramaticales, sino pensar y escribir, ni nombres y fechas, sino el sentido interno de la historia; dirigir, sanear y embellecer la casa; pacificar los espíritus; luchar contra el alcoholismo; influir en las costumbres.—Las colonias escolares de Lyon: desde 1895, cuentan con una gran finca para su instalación, en medio de un bosque; aquel año, el Ayuntamiento envió 50 niños y 50 niñas; en 1898, 300 niñas y 150 niños.

Revista del extranjero.—*La primera enseñanza en Moldavia*, por M. Piat.—Informe del vicecónsul francés en Jassy; sus datos y juicios son aplicables á toda Rumanía. Los recursos del país dependen principalmente de las cosechas; apenas hay industria. Las escuelas rurales difieren mucho de las urbanas.—I. *E. rurales*, más varias, locales y rudimentarias: 3.708 (1); de ellas, 3.434 mixtas. Asistencia (1898-99): 205.468 niños y 41.821 niñas; 3.527 maestros y 890 maestras (obligados á vestir el traje local). Programa: lectura, escritura, cuentas, gramática, geografía, historia, recitación y com-

(1) La población de Rumanía no llega á 6.000.000.—N. de la R.

posición, geometría, dibujo, canto, gimnasia, religión, ciencias naturales, agricultura, «ejercicios de intuición» (improvisación oral sobre un tema) y trabajos manuales, según la región. Prescrita la escritura vertical; prohibido el corsé; 10 minutos de descanso entre las clases; enseñanza práctica agrícola para los mayores, en el jardín, de media hectárea al menos, que tiene toda escuela (los productos, para el maestro). Edad escolar: desde los 7 años; pero si acaban antes de los 14, siguen un curso complementario de 2 horas semanales.—II. *E. urbanas*, más cosmopolitas y uniformes: 404, con 1.364 maestros y maestras, 42.972 niños y 28.352 niñas (la obligación escolar se observa menos con éstas). Programa: casi idéntico, repartido en 4 años, con sólo 23 horas semanales en el primero y 30 en el último (3 por la mañana y 2 por la tarde); la tarde del jueves, vacación.—III. *Normales*. Hay 3 escuelas para el magisterio rural, y 3 para el urbano. Ingreso por examen. Programa: el de las primarias, con más, horticultura y selvicultura, medicina popular, derecho constitucional y administrativo, música vocal, violín, instrucción militar (ó economía doméstica) y francés, alemán ó italiano. Profesores en cada escuela, unos 14; total de alumnos, 500. Los estudios duran 5 años. Escuela aneja de aplicación, donde enseñan los normalistas.—IV. *Escuelas primarias israelitas é instituciones particulares*. De 70.000 habitantes que tiene Jassy, unos 45.000 son israelitas; pero no tienen en aquella ciudad más que 2 escuelas públicas de niños (con 549), y una de niñas (440). Esta raza se halla tan maltratada en el país, que ha entrado en una fuerte corriente de emigración. Las escuelas públicas no admiten niños israelitas, ni extranjeros. Las demás instituciones privadas, primarias, secundarias, de sordo-mudos, católicas, evangélicas, francesas, rusas, profesionales, etc., son también muy escasas.—V. *Presupuesto*. Sólo para Moldavia: unos 713.000 francos. Sueldo mínimo de los maestros rurales en toda Rumanía: 1.080 francos (1); de los urbanos:

(1) Compárense con los de los nuestros, no ya rurales, sino urbanos.—*N. de la R.*

2.700 francos (1). Los directores de escuela tienen casa, calefacción y un criado. El sueldo de todos aumenta un 15 por 100 cada 5 años. Se les descuenta el 10 por 100 para la pensión de retiro; pero ésta es exactamente igual al sueldo activo que el maestro tiene en el momento de jubilarse. Además, por la enseñanza de adultos, reciben una gratificación mensual, los maestros urbanos, de 30 francos; los rurales, de 10. Al presupuesto del Estado, hay que añadir la cooperación de las ciudades: Jassy gasta anualmente 75.000 francos, y da los libros y material de clase á los niños pobres, como igualmente les reparte trajes. Además, los Ayuntamientos tienen un presupuesto adicional para construcciones: ahora acaba de gastar el de Jassy 300.000 francos en 3 nuevas escuelas (sin mencionar los liceos, laboratorio de medicina y otros departamentos de la Universidad).—VI. *Lengua francesa*. Se hallaba sumamente extendida, tanto como la nacional, en ciertas clases; hoy, el alemán le disputa el terreno, en parte, por el influjo de la gran masa de población israelita, en parte, por la tendencia á fraternizar con «la Rumanía irredenta» (Bucovina y Transilvania) dependiente de Austria.

La prensa de enseñanza en España, por E. M.—«Si la 1.^a enseñanza se halla en España, comparada con la de otras naciones, en un estado de inferioridad imposible de desconocer, no será por no tener á su disposición periódicos especiales. No sé si, proporcionalmente, habrá tantos en ningún otro país»: dice el autor; y después de otras consideraciones análogas, publica la lista de los 72 periódicos que tenemos, clasificados por las 41 provincias en que se publican.

Revista de la prensa, por M. P.—Discursos de M. Tannery sobre las «Universidades populares», en la de Belleville; íd. de M. Anatole France, en la del distrito 15.^o; de M. Compayré sobre la función de las escuelas primarias superiores; artículos de madame Pognon, sobre la «puericultura»; íd. de

(1) Nuevo ejemplo de proporción entre la remuneración de una y otra clase (á pesar de estar allí divididas en dos escalas cerradas), contra la brutal desproporción nuestra.—*N. de la R.*

M. Fèvre, negando que la educación popular necesite una «doctrina»; de M. Rollet, sobre la necesidad de trasladar la educación correccional á Instrucción pública (1); de Mad. Debor, que desea que las niñas mayores de la escuela primaria colaboren á la educación de los párvulos; de M. Duclaux, pidiendo que se deje mayor libertad al maestro; de M. Jules Payot, sobre la educación del carácter; de M. Balz, en favor de la fusión del colegio municipal y la escuela primaria superior, como un paso hacia la escuela única (2).—*Bibliografía*, por B.—*La retórica del pueblo*, por M. Gache.—F. G.

ENCICLOPEDIA

DE LAS CAUSAS GENERADORAS DE LAS MONTAÑAS

por el Profesor D. José Macpherson,
Geólogo.

Las montañas que accidentan el suelo de nuestro planeta han sido siempre objeto de profundo interés para todos los hombres pensadores, tanto por la variedad y grandiosidad de sus paisajes, cuanto por las causas que les han dado su relieve.

Todos los filósofos que han abordado este asunto están contestes en considerarlas como el resultado del enfriamiento experimentado por la masa planetaria en el espacio.

Pero si todas las opiniones coinciden en este punto, desde aquí, profundas divergencias se establecen en la manera de considerar el fenómeno, y violentas controversias han dividido el campo de la ciencia acerca de la manera de concebir tan gigantesco problema.

(1) Compárese este síntoma de un nuevo movimiento, así en la pedagogía como en el derecho penal, con el que se indica en el artículo del profesor Zürcher, extractado en la pág. 76 de este número.—*N. de la R.*

(2) En que se fundirían la 1.^a y la 2.^a enseñanza, como lo están, v. gr., en la Institución.—*N. de la R.*

Sin embargo, los diversos modos de explicarlo han girado alrededor de dos concepciones fundamentales, que casi por entero han dividido las inteligencias, y que, por consiguiente, al señalarlas, quedan comprendidas las demás, que en último resultado no son más que casos particulares de las mismas.

La una, representada por Leopold von Buch, Humboldt y otros ilustres pensadores, ha dominado casi en absoluto durante los dos primeros tercios del presente siglo.

La otra, representada por Constant Prévost, y recientemente por Leconté y Dana en América, Mallet en Inglaterra y Suess en Alemania, adquiere en la actualidad numerosos prosélitos.

La primera, mira las montañas como el resultado de una fuerza que ha obrado, según la vertical, desde el centro del planeta hacia afuera, y, como consecuencia de la contracción de la película sólida que suponen recubrir el núcleo, aún fluido, del planeta, produciendo una reacción de éste sobre la masa exterior que la comprime.

Para los sostenedores de la segunda de estas concepciones, el espesor de la corteza sólida de la tierra, con relación al núcleo fluido, si aún existe, es inmensa, y por consiguiente, la influencia de éste se limita á solo una acción indirecta.

Las montañas, pues, no son más que el resultado del estrujamiento tangencial que la no homogénea superficie del planeta experimenta, al acomodarse á un núcleo cada vez de menos dimensiones; contracción consiguiente al enfriamiento secular del esferoide terrestre.

Según el primero de estos dos distintos modos de ver, se ha considerado siempre á las montañas como consecuencia de rocas más profundas, procedentes del núcleo aún fluido del planeta, que, en un estado de mayor ó menor plasticidad, han penetrado, cual prolongada cuña, á través de las capas superiores de la tierra y, arrojándolas á derecha é izquierda, han producido el eje de la cordillera, y por lo tanto, en este caso, la estructura de las montañas debe ser en cierto modo simétrica.

De todos los que sostienen de una mane-

ra más ó menos absoluta la segunda de estas concepciones, ninguno la ha formulado de un modo tan preciso y terminante como Mallet, en su célebre trabajo sobre la actividad volcánica.

Para este pensador, las montañas del planeta no son más que la resultante vertical de dos fuerzas tangenciales, representada, la una por la contracción secular de la masa planetaria, y la otra, por su propia rigidez.

Por lo tanto, las montañas, consideradas de esta manera, son simplemente arrugas y desquebrajamientos de la superficie, y los fenómenos eruptivos y volcánicos, un caso particular de este estrujamiento tangencial que nunca da por resultado una estructura en modo alguno simétrica. Si de este terreno, puramente especulativo, se desciende al tribunal inapelable de los hechos, y se someten á un riguroso examen todas aquellas regiones de la tierra que á tan alto grado fascinan nuestra imaginación por lo salvaje y pintoresco de sus escenas, se verá que, mientras más se avanza en el conocimiento de su estructura íntima, tanto más difícil se hace de explicar su actual relieve como función de una fuerza que haya obrado solamente en la dirección radial.

En todos los parajes montañosos que comienzan á estar conocidos á fondo, se va viendo que nada más distante de la realidad que esa necesaria simetría que debería presidir en todas las manifestaciones de esa fuerza; existiendo, por el contrario, una marcada falta de simetría en todas las cordilleras que han sido objeto de un examen detenido.

Si nos fijamos en el continente americano, vemos que Leconté y Dana no ven más que presiones laterales para producir todo el conjunto de pliegues que, con los Alleghanies, etc., en el Oriente y la Sierra Nevada, y las Montañas Rocosas en el Occidente, forman el continente americano.

Si de América se pasa á Europa, no cesará de llamar la atención la estructura de sus principales cadenas de montañas.

Como parte de lo que constituye el gran sistema alpino, no deja de ser notable la estructura que Suess señala al Apenino, constituido por un resto de la rama oriental de

un gran pliegue, roto en su parte central, y que, sin embargo, alcanza cerca de 3.000 metros en el Gran-Sasso; mientras que, por su parte central, se traza por la costa occidental de la península italiana como una serie de afloramientos de rocas profundas, que pueden seguirse desde las costas de Sicilia al golfo de Génova, y por cuya fractura se manifiestan los fenómenos volcánicos de la actualidad.

Si de los Apeninos pasamos á los Alpes, vemos á ese enorme enigma, que ha gastado las fuerzas de generaciones de geólogos, cada vez irse entendiendo mejor; y M. Lory, que ha explicado los Alpes del Delfinado como el resultado de grandes pliegues y fracturas en los estratos, pretende ahora explicar la estructura en abanico de las famosas agujas del Montblanc como simples restos de un pliegue colosal entre el Breventyse, Rey de las montañas, y cuya rama meridional se halla rota y hundida en las vertiginosas quebradas de la vertiente italiana.

La cadena del Jura ha sido siempre modelo de lo que constituye una cadena nacida á impulso de presiones laterales, y sus repetidos repliegues pueden ser comparados á las olas de un mar, comprimidas contra la masa de la meseta central francesa.

Tiempo hace ya que Hauer señaló la estructura unilateral de los Carpatos; y Hochstetter ha demostrado también cómo los Balkanes descienden con rapidez por sus vertientes meridionales á una gran falla, á lo largo de la cual se han manifestado los fenómenos eruptivos y volcánicos.

Si de las montañas de Europa se pasa á las asiáticas, veremos que el Cáucaso, según Abich, es el resultado de una gran convexidad en el terreno, partida en su parte central, y de cuyos dos fragmentos, sólo el septentrional queda en pie, mientras que el meridional se halla destrozado y hundido, y forma el actual valle del Kur.

En el Ararat y demás montañas de Armenia, no es menor la falta de simetría, que el mismo observador reconoce en su estructura.

Por los trabajos del malogrado Stoliczka y otros ilustres geólogos, también en la constitución del Himalaya, del Thian-chan y

otros gigantes del Asia central, se observa una estructura análoga á la señalada, pero cuyos detalles nos llevarían fuera de los límites de este breve artículo.

X Pasando de estas inmensas cordilleras á las de la Península, no será menor el caudal de datos que pueden proporcionarse como confirmación de la falta de simetría que existe en todas las cadenas montañosas.

No es necesario alejarse mucho de Madrid, para ver la cadena del Guadarrama constituida por una serie de fracturas, cuyos segmentos resultantes, con notable constancia, han tenido todos la tendencia de caer visiblemente hacia el Sur; mientras que en la vecindad de las fracturas han hecho su aparición grandes masas de rocas eruptivas.

La cadena pirenaica, según Magnan, es el resultado de colosales fallas, en cuya estructura nada hay más lejos que una constitución simétrica.

Fijándonos, por último, en la estructura del Sur de la Península, no serán menos elocuentes las deducciones á que su estudio puede prestarse. X

Si no bastase la serie de pliegues que los diversos terrenos estratificados forman como límites del actual valle del Guadalquivir, se presenta como confirmación de este aserto la estructura de la serranía de Ronda, constituida por una serie de pliegues y fracturas en el terreno, notándose, no solamente la tendencia en los diferentes segmentos de hacer subidas y bajadas en la vertical, sino á caer todo el sistema hacia el Sur, de una manera análoga á lo que sucede en la sierra de Guadarrama y otras españolas; observándose casi invariablemente que la parte superior de cada segmento viene á chocar en anormal contacto por su borde Sur contra la parte más profunda del segmento inmediato.

X Por consiguiente, se ve que nada más lejos de la realidad que esa simplicidad de estructura que se ha pretendido ver en todas las cadenas montañosas, creyéndolas constituidas por lo que se ha llamado el eje cristalino, á ambos lados del cual, y simétricamente situados, se suponía ver desarro-

llarse los diferentes terrenos que constituían el subsuelo.

Por el contrario, en todos los parajes montañosos que se han estudiado con alguna detención, se ve que esa simetría es más aparente que real, y que lo que verdaderamente distingue á las montañas es una estructura francamente unilateral, producto las más veces de grandes pliegues y fracturas en los estratos, que en Europa tienen tendencia á caer hacia el Sur, mientras que en Asia, por el contrario, la tienen hacia el Norte. X

Es también digno de tenerse en cuenta que las grandes cordilleras están, como regla general, adosadas á los bordes de esos parajes, tales como las grandes llanuras de Alemania, de Rusia ó de Siberia, lugares en que los trastornos orogénicos son, puede decirse, relativamente nulos, y á los que vienen adosándose y ensanchando su esfera de acción todas esas partes ya plegadas desde remotos tiempos, y que, rígidas ya, vienen á formar parte de esas inmensas zonas, que como Suess indica, tan vital papel desempeñan en la situación y forma de las grandes cordilleras que accidentan la superficie de nuestro globo.

Por consiguiente, todo tiende á confirmar la creencia de que las montañas del planeta son meramente las arrugas y grietas que las partes menos rígidas de la corteza terrestre experimentan entre otras dos más resistentes (resistencia debida, bien á su constitución íntima, ó al hecho de haber sido ya plegadas á su más alto grado) al acomodarse la superficie exterior á un núcleo cada vez de menores dimensiones, como consecuencia del enfriamiento secular del esferoide terrestre.

Resultando una contracción de la masa exterior del planeta, que, como Mallet indica, se manifiesta por presiones en la dirección de la tangente: presiones que necesariamente tienen que producir una resultante vertical en el terreno, que lo haga unas veces subir hasta formar los colosales picos del Himalaya, mientras que, otras, esos mismos parajes descendan bajo el nivel de las aguas y reciban otro espeso manto de sedimentos, hasta que, cambiando las condiciones,

vuelvan á elevarse quizás á mayor altura y á experimentar otra vez la acción destructora de los agentes exteriores.

Repitiéndose este proceso hasta que, á fuerza de tanto plegarse y contraerse, lleguen á hacerse imposibles á todo quebranto; y entonces vengan á engrosar los lugares ya relativamente rígidos de la corteza terrestre, hasta que quizás, andando el tiempo, sean aquellos inquebrantables parajes, que parecen haber escapado á la contracción secular de nuestro globo, los que menos resistencia opongan, y les llegue entonces la vez de pasar por la serie de vicisitudes por que las zonas adyacentes han pasado.

¿QUÉ SON LAS ARTES DECORATIVAS?

por el Prof. D. F. Giner,

Catedrático de la Universidad de Madrid.

Hay en París un grupo de artistas, pequeño—tan pequeño, que al principio eran cinco, y hoy, que se llaman á sí mismos *Los seis* (1), apenas doblan el número,—dedicados á las artes «decorativas», «industriales», «suntuarias», «ornamentales», ó como se las quiera denominar. Su objeto—venía á decir hace poco Gabriel Mourey en *The Studio*—no es producir raras baratijas, monadas de escapate, obras costosas y de lujo, que adulen la fantasía y los caprichos del *amateur d'élite*, plusquam refinado y *fashionable*; sino crear un arte varonil y serio; sólo que, en vez de ser abstracto, como el llamado arte «puro», «independiente», etc., se incorpore á las cosas de uso diario, aun las más humildes (muebles, telas, papeles murales, alfombras, encajes, hierros, metales, vidrios, cueros, lozas, esmaltes, bordados, joyas...), puestas al servicio de las diversas necesidades de la vida, y que ganen el rango de obras de arte, no por virtud de su precio, ni del material de que están hechas, sino por el espíritu del trabajo en ellas puesto;

no á pesar de su destino y tomando como pretexto sus modestos fines, sino precisamente para mejor llenarlos, trasfiguradas por la creación estética.

Ante todo, estos artistas «son radicalmente opuestos á la opinión corriente, que traza una separación entre lo que algunos llaman *arte* y lo que otros llaman *decoración*.» Cierto es que, como observa el articulista, el arte «industrial» está cada vez más y más á la orden del día, aunque, en su opinión, dominan ahora en él la excentricidad, la complicación, el amaneramiento, la fealdad, la afectación, la incoherencia, etc., etc. Pero este grupo de *Los seis* no va por este lado, y quiere tomar otro camino: el de la claridad, la sencillez, la lógica. «No busca la novedad por la novedad,» sino el modo de hallar formas nobles (como en otros tiempos las halló la historia) para todo lo que nos rodea; de poner en todo un alma, y sacarla luego á la superficie, haciendo visible la poesía natural de la vida; en vez de abandonar ésta en su conjunto al imperio de la vulgaridad, como cosa prosáica, indiferente y neutra, y reservar sus preocupaciones para ciertas obras tan sólo, especialmente consagradas á despertar la impresión estética, inaccesible para las restantes.

Un crítico discreto, M. Camilo Mauclair, decía poco há en la *Revue des Revues* que estamos en el «Crepúsculo del arte pictórico.» La gran preocupación de los pintores de hoy, en su sentir, es la de ser «decorativos.» No se oye otra palabra. De aquí, un arte fundado puramente en el atractivo del color: arte de tapicería, de arabesco. La gente casi quiere deshacerse del cuadro de caballete, trasformarlo en un mueble, armonizarlo con el conjunto de la habitación: hasta en el retrato, «que debe revelar un alma,» se contenta el pintor con una mancha, una «nota,» una impresión de conjunto. La disociación de la técnica y de la idea reduce al artista á un mero «virtuoso», que es muy otra cosa: por muchos Liszt que se sumen, no darán nunca un Sebastián Bach. Si cada año, añade, vamos y venimos desde el «Salón» al Louvre, veremos cómo la prodigiosa técnica de un Monet no basta para salvar sus obras ante la comparación con

(1) Aubert, Charpentier, Dampt, Moreau-Nélaton, Plumet, etc.

las de un Metsys ó un Durero. Los hombres que han querido mantener la tradición del gran arte, Puvis de Chavannes, G. Moreau, Rops, Watts, Uhde, Böcklin, quizá Besnard, Carrière—dice—ó han muerto, ó están en la agonía, ó carecen de ciertos elementos, de ciertas facultades. El único gran pintor tal vez de hoy, para M. Mauclair, es Whistler, «la figura capital de la pintura moderna,» perfecto, á un tiempo idealista y realista, misterioso, inclasificable, el «colmo de la sensibilidad estética y cosmopolita;» fenómeno mental comparable, en su arte, á un Nietzsche ó á un Ibsen, en el suyo. Sólo algunos jóvenes en Francia, R. Ménard, Ch. Cottet, Simón Bussy, etc., dice que preludian un arte nuevo, sintético y pensador.

Prescindamos de la observación, tan justa y discreta, sobre el divorcio entre la técnica y la idea, la habilidad exterior y el espíritu, la maestría en el dominio del material y la preocupación por reflejar en líneas y colores un alma, una vida interior, en la convicción de que el arte es cosa grave, tan grave á su modo como la que más. Sin duda, Mauclair tiene razón. La técnica de nuestro tiempo se ha abierto caminos antes inexplorados y apenas presentidos, á lo sumo, por tal cual personalidad singular; no ha llegado aún á servirse de esos nuevos recursos en obras grandiosas, penetradas de un sentimiento ideal por algún interés profundamente humano. Ni la ingenuidad de los primitivos, ni la magnificencia de sus sucesores, apartados ya de aquella sencillez, y guiados, y hasta atormentados, por representaciones más complejas, han hallado todavía sus iguales en el proceso de las nuevas corrientes.

La pintura de hoy no ha sabido quizá todavía hacer con su técnica lo que un Van Eyck, un Leonardo, un Rembrandt, un Ticiano, supieron hacer con la suya.

Pero no es probable que esto tenga la explicación que le da el autor. En ese carácter «decorativo» que, á su entender, aspira á tomar hoy la pintura; en ese anhelo de «armonía» con el sistema entero de la vida, de que quiere ser parte, en vez de replegarse en sí misma y complacerse en un desdén abstracto para con el medio, como si fuere éste aje-

no al arte y la poesía, ¿no hay lugar sino para lamentos y censuras? Pues la preferencia, v. g., por las grandes composiciones murales, ¿no cabe interpretarla muchas veces más bien como señal de elevación y de ennoblecimiento? Ojalá fuese este deseo acompañado siempre de una inspiración, una frescura, una espontaneidad, que no pueden sustituir la reflexión, ni la imitación arqueológica, ni la contraproducente obsesión de una ingenuidad inaccesible...

Hegel ha dicho, sobre poco más ó menos, que la dignidad del Apolo de Belvedere—para los críticos de su tiempo uno de los tipos más ideales de la escultura clásica—desaparecería, poniéndole una lámpara en la mano, fin para el cual tan adecuada parece su actitud. Y, en efecto, es corriente admitir, desde luego y sin más, una distinción absoluta entre el arte puramente estético (las «bellas artes»), de una comedia, un cuadro, una sinfonía; el meramente útil, de la máquina ó el libro de matemáticas; y el bello-util, mixto de ambos, y en el cual aquella finalidad sustantiva é intrínseca se combina con un servicio exterior, como acontece en un palacio, un mueble rico, ó un discurso oratorio.

Pero ¿es esto tan rigurosamente exacto? El arte que aspira á despertar la emoción estética, ¿no satisface á una necesidad de la vida humana? En otros términos ¿no es útil? ¿O es que por útil ha de entenderse, no lo que sirve en general para algo, sino tan sólo para ciertas cosas? ¿Cuáles son éstas? Aunque el interés estético y el arte que se pone á su servicio fuesen, como Spencer se figura—contra toda experiencia y contra toda deducción—una especie de lujo, sin el cual se puede vivir y se vive, mientras no tenemos cubiertas otras necesidades de mayor sustancia, ¿serían por esto inútiles, es decir, no responderían á exigencia alguna de nuestra constitución mental? Sin duda, la preparación de la comida no tiene ante todo por fin despertar el goce de la belleza, sino alimentarnos; mientras que en el drama acontece lo contrario, aunque de él vivan y se alimenten tantas y tantas clases de personas; pero comer y divertirse (puesto caso que el arte fuese diversión) ¿son ó no son

dos fines? Sobre su respectiva importancia, podrán discutir cuanto se quiera, v. g., los que acortan la ración y empeñan los colchones, para ir á los toros; pero no sobre si constituyen dos intereses, ante cuya realidad, tan útil á su modo es el trabajo de la cocinera, como el del novelista.

El arte, pues, estético, ó en otros términos, el esfuerzo para producir á sabiendas cosas bellas (ó bien, producir belleza en las cosas, ó más bien, sacársela de dentro), despertando en nosotros su goce, se contrapone ciertamente á las artes de la política, de la lógica, del comercio, de la agricultura, de la maquinaria, de la enseñanza, de la conducta moral, etc., etc.; pero no al arte *útil*, del cual aquel es parte, ni más ni menos que estos otros.

Además, ¿es tan raro hallar obras *puramente* útiles, en las que no se revele, ni la menor preocupación, por causarnos, aunque sea en una línea tan mínima y humilde como se quiera, aquella impresión agradable donde comienza ya el interés estético, con su desinterés característico! En un libro, menos conocido de lo que debiera serlo, y en el cual hay ideas de un vigor y profundidad poco frecuentes entre nosotros (1), se dice, combatiendo la triple clasificación de las artes, arriba señalada: «toda obra tiene siempre ambos caracteres... aunque pue-

(1) *Relaciones entre el arte y la industria*, por D. Fernando G. Arenal.—Memoria premiada en el concurso de 1881 por el Fomento de las Artes, de Madrid; publicada por vez primera en este BOLETÍN, durante los años 1884 y 85, y en edición aparte, en un tomo: Madrid, 1885.—El autor desarrolla sus ideas sobre el arte y sobre la imposibilidad de separar el elemento industrial del estético, en dos interesantes capítulos; después, estudia con gran originalidad su aplicación al arte arquitectónico, ó arte de construir, no sólo templos ó palacios, sino pueblos, ferrocarriles, carreteras, puentes, buques, faros, talleres, máquinas, escuelas, etc., etc.; de aquí, entra á discutir el influjo que debe ejercer el elemento estético en la industria, considerando especialmente los tejidos, bordados y encajes; la cerámica, el vidrio, el cinc, el bronce y el hierro; la platería, bisutería y joyería; el mobiliario y la tipografía. Esta parte comprende más de la mitad del libro.

da uno de ellos preponderar de un modo notable, ó bien estar compensados y como equilibrados armónicamente...» «¿Dónde deja la cerámica de ser *industria* y comienza á ser *arte*? No cabe duda que muchos de sus productos se consideran obras artísticas: una fuente ó un plato de Palissy, un jarrón de Sévres, de Chelsea ó de Wedgwood, todo el mundo conviene en que son obras de arte; y un ladrillo, un plato y un puchero ordinario, productos industriales. Pero he aquí vasijas de barro ordinario, mucho más notables y artísticas, más originales y bellas por sus formas...» Y en otro lugar dice que la belleza no debe ser una cualidad solo propia de algunos objetos, «sino que debe ir indisolublemente unida á toda obra;» y que, con razón, aun en los objetos de uso personal y doméstico, todo el mundo escoge los que le parecen más bellos: «en muchos casos, hasta pagándolos más caros.»

Mirando hacia el lado opuesto, ¿es más frecuente, por ventura, encontrar productos, exclusivamente, de esa rigurosa finalidad estética? Aunque podamos prescindir de los múltiples objetivos, tan heterogéneos, que en ellos se propone el artista (y no digamos el grupo de personas interesadas en la obra), y nos ciñamos tan sólo á aquella intención, ¿es tan fácil trazar un abismo entre el arte independiente y el subordinado, industrial y decorativo? Reduciéndonos á las llamadas «artes del dibujo,» todo el mundo considera que un cuadro es obra de arte «puro;» un encaje, obra de arte industrial y subalterno. Pero los frescos, es decir, las más grandiosas é ideales composiciones acaso del mundo, los de Giotto, Gozzoli, Signorelli, Rafael, Miguel Angel, y si se quiere, hasta Jordán y Tiépolo, y hasta Goya; ¿qué son sino decoraciones de bóvedas y muros? Y los cuadros de pintura religiosa, ¿no están casi siempre hechos también para retablos y altares, como lo están los demás para completar, acentuar y llenar de esplendores, monumentos, casas y palacios? Hasta que ha habido museos donde recoger los despojos salvados de las ruinas, ó arrancados del primitivo lugar de su destino, tal vez no se han pintado cuadros sino para un fin y un sitio predeterminado. Y no hay para qué en-

trar en otras artes: v. g., la escultura. Basta citar las estatuas del Partenón.

De la Arquitectura, no hay que decir. Sus construcciones, por interesantes que sean para remover cuanto se quiera el sentimiento y la fantasía, todas se subordinan humildes á uno de esos fines: la religión, el Estado, la ciencia, la beneficencia, la educación, la vida de familia... con cuyo servicio se compenetran su concepción y la disposición general de sus masas, de donde nace precisamente la impresión peculiar de este arte; no de la decoración, con que, después—y siempre en relación con aquel fin—pinturas, esculturas, muebles, hierros, tapices, ceremonias... y hasta la oratoria y la música, acentúan su significación.

Hoy, parece que se despierta en todas partes un movimiento que tiende á restablecer, en la esfera de la producción estética, la unidad de esas dos supuestas formas antagónicas: inferior y superior, libre é industrial, pura y decorativa. Por una parte, los más grandes artistas vuelven hace años el espíritu, no sólo á la pintura mural, con un sentido que, aunque de lejos, recuerda el de sus tiempos épicos, sino á las mismas artes industriales. Por otro lado, éstas, ya en la decoración secundaria y un tanto accidental de sus obras, ya—lo que es más importante—en las formas generales de sus productos, comienzan á revelar una concepción más grave y más social, que podría decirse, de su fin, como un sentimiento de dignidad, que aspira á ennoblecer todos los medios de la vida, aun los más modestos, enlazándolos más íntimamente con ella y con todos sus restantes factores. De esta tendencia ha sido quizá el más poderoso órgano, Ruskin, que á través de sus paradojas, extravagancias é incoherencias, más ó menos reales, quedará siempre como el grande apóstol de lo que se ha llamado «la religión de la belleza», que quiere verla florecer doquiera, restringiendo la vulgaridad inerte, mecánica y sin espíritu, y dando á todo una significación humana: desde la vivienda del obrero y el más humilde instrumento que allá en la oscuridad consagra su trabajo. En Inglaterra, han cooperado á este movimiento, tal vez los primeros, los pre-rafaelis

tas, el *Century Guild*, después, y por último la *Arts and Crafts Society*. Walter Crane vacía tableros de yeso para las paredes; Morris fabrica telas y papeles pintados; Webb, chimeneas; Benson, lámparas... y por todas partes los muebles, los herrajes, los librós, los carteles, los instrumentos de labranza y hasta los de cocina, vuelven, como acaso en todos los grandes florecimientos de la historia, á fundir en uno al artesano y al artista, y á poner en todo trabajo manual un sentido y una vida interior, que lo hacen digno hermano de las más nobles cosas del mundo.

Sin duda, todavía la imitación arqueológica y erudita presta con demasiada frecuencia sus formas á este movimiento; y bien puede decirse, v. g., que en los pre-rafaelistas, el crítico vale harto más que el creador, aunque este creador sea un Burne Jones; pero, cuando la inspiración (y aun la copia literal) del tipo japonés, el indio, el medioeval, el renaciente, etc., se haya por completo secado, aquella tendencia general á dignificar y animar la vida por el arte, le sobrevivirá y acabará por adquirir tal vez nuevas y características formas.

Se comprende cómo, por ejemplo, tras del antiguo filántropo, el alma de bien y de amor, que distribuía á manos llenas, no sólo auxilios materiales, sino consuelos y estímulos para soportar la adversidad, y aun vencerla, ha venido el apóstol de esta otra forma complementaria de caridad, que quiere elevar á los miserables del hambre, á los del vicio, hasta á los del crimen, á la comunión fraternal del espíritu, atrayéndolos, desde la legalidad exterior, á la moralidad interna, á la cultura intelectual, á la de la belleza y el arte: para que el hombre animalizado —peor que el animal, que, como ha dicho Nietzsche, es inocente—se redima de la barbarie por medio, también, de la poesía universal de las cosas...

DELINCUENTES QUE ESCRIBEN

(A PROPÓSITO DE UN LIBRO DE L. FERRIANI)

por D. Constancio Bernaldo de Quirós,

Abogado.

Los magistrados suelen escribir... providencias, autos y sentencias, cosas del oficio, en su más rutinaria acepción. Algunos, de vez en cuando, se dedican á estudios que, aun siendo, en verdad, parte del oficio, se estiman como objetos de adorno simplemente. Pero la mayoría de éstos, estudian y escriben al modo antiguo, para el cual — como dice Ferri — sólo se requiere, en un gabinete confortable que ayude un poco la facilidad de la tarea, papel, tinta, plumas, tijeras, goma y libros que repetir, glosar ó criticar, según convenga. Son muy contados los que aprovechan la multitud de experimentos que, en forma de crímenes y criminales, les ofrece diaramente la carrera.

De estos, es uno en Italia el Sr. Lino Ferriani, Fiscal en el Tribunal de Como y autor de varias obras de psicología criminal, concebidas, inspiradas y documentadas en el ejercicio de su profesión. Tales: *La infanticida en el Código penal y en la vida social*; *El amor en los Tribunales*; *Madres desnaturalizadas*; *Menores delincuentes*; *Niños abandonados*; *Delincuentes; astutos y afortunados*. *En el mundo de la infancia*, etc., etc.

El último libro del Sr. Ferriani se titula *Delincuentes que escriben*, (1) y es un estudio psicológico sobre el epistolario delincuente que ha venido recogiendo en su práctica de magistrado.

También los delincuentes escriben; aunque parezca extraño á ciertos empíricos criminalistas detenidos en la famosa frase: «cada escuela que se abre es un presidio que se cierra.» Estos — como si la gramática tuviera alguna relación con la moralidad ó como si el conocimiento del alfabeto pudiera desvanecer ciertas tendencias (Garofalo), — suponen que, por regla general, los delincuentes no saben leer ni escribir, ni saben cuentas. No hay tal. Los hay capaces de escribir artículos de tan ingeniosa verbosidad,

como uno que hace poco publicaba la revista alemana *Monatshefte* (Junio, 1899), donde un tal G. George, delincuente intelectual, hijo de un incendiario y nieto de un reincidente por seis veces, disertaba alegremente sobre esta grave cuestión: *si existen criminales natos*, y la resolvía — es natural — en sentido negativo (1).

En general, los delincuentes, y especialmente los profesionistas de las grandes poblaciones, saben leer y escribir, y saben muchas veces *de omni re scibili... et quibusdam aliis*. Hay *carteristas* en Madrid que pueden ser profesores de idiomas, y *timadores* que hacen á cada momento la más fina psicología, como Mr. Jourdain hacía la prosa... sin enterarse.

Luego, como su fuerza inhibitoria es mínima — tan mínima, que precisamente por esta nota han podido caracterizarles Bonfigli, Oddi y otros — sucede que dan salida á cuantas ideas les rondan por la cabeza, y escriben y pintarrajean tanto que parecen verdaderos grafómanos. De aquí esa imprevisión que señala Ferri como característica de los criminales. Yo sé de uno que, negando tercamente el delito que se le inculpaba, fué sorprendido en el instante de escribir en una de las paredes de su celda esta discreta sentencia: «*No la hagas y no la temas.*» En la prisión, sobre todo, la manía grafológica les domina con más fuerza. Las paredes, el suelo, hasta el techo de los calabozos, están llenos de grafitos, como la hoja de papel que por casualidad circula en una prisión se cubre de palimpsestos. La obscenidad y el infantilismo de las concepciones criminales se reflejan en toda materia laborable, dando una especie de fotografía... catódica del interior del cerebro delincuente.

Así se comprenderá el interés del estudio de estos documentos.

«—Pero ¿de qué sirven los escritos de un ladrón, de un estafador, de una adúltera, de un delincuente precoz, de un invertido sexual?—exclamarán—dice Ferriani— ciertos críticos mal humorados del Derecho penal.»

(1) *Delinquenti che scrivono*, Como, 1899.(1) *Archivio di Psichiatria*, vol. XX, fasc. IV.

—¡Pues no han de servir!—contesta nuestro autor valientemente.—He aquí un ladrón. «Si en el acto de detenerle se le encuentra una carta, un pedazo de papel, donde aparecen datos de su personalidad, de su miseria, del grado de su afectividad, del hurto que ha cometido, este escrito, que puede ser una especie de fotografía psíquica, ¿no tendrá valor alguno y deberá ir á parar en pedazos al cesto de los papeles del magistrado? Con los pequeños hechos—ha dicho Víctor Hugo—se restituye la historia de un pueblo; con las cartas particulares de un gran hombre, se ilumina, no sólo su vida íntima, sino la armonía entre ésta y un período histórico determinado. Ahora bien: es rigurosamente lógico que, puesto que se debe estudiar primero al delincuente y luego el delito, se hace imposible prescindir de todo aquello que pueda servir á dibujar la figura moral de aquél, incluso en sus tintas más delicadas. No son, no, elementos insignificantes, ni particulares ociosos. La vista, acostumbrada á la investigación, todo lo recoge, lo suma y lo escruta, porque estas pequeñeces y menudencias, unidas unas con otras en un haz, revelan, con el auxilio de la Antropología criminal y las ciencias auxiliares de ésta, quién es aquel ladrón, por qué robó; y si seguirá robando qué instintos delictuosos dominan en su alma y qué remedios podría sugerir la *ciencia preventiva* para que otros hombres como ese no rueden por el sendero de la delincuencia, ó, si caen, se libren del peligro de no volver á alzarse.»

Y esto es lo que hace el Sr. Ferriani en los cinco capítulos que, con la introducción, componen su libro. Primero, estudia el epistolario de los *delincuentes precoces*, luego el del *amor criminal*, el de los *difamadores y calumniadores*, el de los *ladrones y falsarios*, y por último, el de los *violentos*.

Como á los lectores del BOLETÍN interesará, sobre todo, el tipo del delincuente precoz, diré algunas palabras de éste.

La figura moral del niño se ha oscurecido no poco en nuestro tiempo. Por lo que toca al crimen, conocidas son las ideas de Lombroso y otros sabios, según los cuales se encuentran en el niño los gérmenes de la delincuencia desde las primeras edades.

Lombroso ha hallado en ellos la cólera, la mentira, la injusticia, la crueldad, la obscenidad, el orgullo... Encontró el arco torcido del lado de la banal y ordinaria concepción del niño como un angelito; y quizá, forcejeando para enderezarle, ha vuelto á dejarle desviado del lado opuesto.

Cuando uno visita lo que aquí se llama el *patio de los micos*—esto es, el lugar de la cárcel donde se reúnen, gran parte del día, los jóvenes delincuentes—queda maravillado, viendo desde qué temprana edad se adelanta el delito á las más elementales manifestaciones del desarrollo orgánico y psíquico. Los hay allí, en el patio donde se solaza el rebaño de los más pequeñitos cuadrumanos, tan infantiles, tan tiernos, que aún se les creería en aquella edad feliz que se encuentra «más allá del bien y del mal», en plena inocencia. Pero «la malicia suple la edad» y salta á la vista en aquellos dos centros de expresión, tan vivaces, que son ojos y boca. Al tratarlos, se advierte que—como la heroína de la comedia antigua—éstos no han conocido nunca la doncellez, jamás fueron inocentes. Su cabeza está ya llena de todas las cosas sucias y obscenas que se encuentran en las casas de prostitución, en las tabernas y en los bajos medios sociales.

¡Es verdad! No es culpa suya; porque, desde el nacimiento, han venido sufriendo las más crueles, las más deshonrosas violaciones de que hay idea.

Ya tendré ocasión de documentar todo esto, cuando publique los estudios que sobre *La mala vida en Madrid*, vengo haciendo en compañía de mi amigo Llanas Aguilaniedo. Ahora, á modo de muestra, para que se vea cómo pasa el *mico* su jornada de prisión y se comprenda la influencia que ésta puede ejercer en su vida, voy á copiar literalmente un documento que debemos á la amabilidad de un sacerdote virtuoso, D. Clemente Villa, *única* persona que en Madrid ejerce el patronato de ochenta y tantos niños criminales que hay en la actualidad en nuestra cárcel.

Representaos, pues, una cuadrilla de *gol-fos* en cualquiera de los patios del *Modelo* (1), y oidla que canta, sobre un aire de tango, las siguientes coplas carnavalescas:

«Somos los micos señores
de la prisión Celular,
que saludamos á ustedes
el presente Carnabal.
Al formar esta comparsa,
lo hicimos con la intención
de relatarles la vida
que hacemos en la Prisión.
Perdonen si nuestras voces,
no salen bien á compás,
y si acaso nuestros tangos, *lere,*
no les pudieran gustar.

Antes de empezar, señores,
nuestra humilde narración,
en biamos un saludo
á nuestro buen Director,
atodos los empleados
de la Prisión Celular,
por el respeto que atodos
saben hacernos guardar.
También merecen saludo
los que fabrican el pan
y todos los cocineros, *lere,*
por el rancho que nos dan.

Cuando ingresamos de causa
nos hacen mucho firmar,
pero luego nos olvidan
sin acordarse yamas.
Y nos pasamos los meses
metidos en la Prisión,
como si fuera un delito
el desear un reloj.
No se figuren ustedes
que todos somos rateros,
pues hay quien paga ignocente, *lere,*
el robo que otros hicieron,

Por la mañana temprano
nos hacen de levantar,
pues hay que barrer la celda
y el cubo desocupar.
A las nueve dan el pan
fabricado en la prisión,
el cual es de cuatro picos
y de moreno color.
Hay quien cuando dan el rancho
se á comido la libreta
y no tiene otro remedio, *lere,*
que morder de la banquetta.

A las nueve y media ó diez
á la escuela vamos todos,
y á don Tomás saludamos
con afecto y buenos modos.
Cada uno ocupa su sitio

y se aplica en escribir
para ganar otro puesto
y de los otros reir.
Nos ponemos á leer
cuando acabamos la plana,
damos lecciones de cuentas, *lere,*
y de doctrina Cristiana.

Poco antes del mediodía
el rancho nos suelen dar,
en el cual las á bichuelas
mucho suelen á bundar.
Son los garbanzos á veces
más duros que el pedernal,
pero en cambio las patatas
nos las largan sin pelar.
Aunque dan rancho bastante
para no quedarse á dieta
alguno si le dejaran, *lere,*
se comía la gabeta.

Después de comer el rancho
otra vez vuelta á barrer,
pues según nuestra consigna
limpios debemos de ser.
Y después que hemos barrido
nos bajan á pasear;
pero el que no se á lavado
ese no puede bajar.
Y el que estaba á costumbrado
á labarse cuando llueve,
á qui se laba á diario, *lere,*
por la cuenta que le tiene.

El patio donde bajamos
nosotros á pasear,
es en el del labadero
en el cual el Sol nos da.
Y estamos en el paseo
un rato bastante largo,
jugando al paso ó al chito
á la pelota ó al marro.
Y cuando toca las palmas
nuestro muy digno empleado,
todos de jamos el juego, *lere,*
y el paseo se á cabado.

Terminado ya el paseo,
nos bolvemos á la celda,
y á las cinco de la tarde
nos dan el rancho á la puerta.
Nos solemos á costar
cuando tocan á silencio,
y ya no se oye una mosca
en todo el de Partamento.
Dormimos tranquilamente
sin tener ningún pesar,

y al otro día siguiente, *lere*,
vuelta otra vez á empezar.

Volvamos al libro del Sr. Ferriani.

Los documentos de su epistolario de los delincuentes precoces presentan al niño vengativo, calumniador y, sobre todo, enormemente obsceno; cosa, esta última, que viene llamándome la atención desde que comencé las investigaciones á que antes he aludido.

No se diga que los documentos son escasos (249) para aventurar generalizaciones; que son «casos aislados». «En la naturaleza —dice Ferri—no existen tales casos aislados, porque cada uno de ellos es indicio y síntoma de un sistema de causas y de leyes» (1). Para estudiar el cloruro de sodio, v. gr., un naturalista no necesita estudiar diez, ciento ó mil cubos de esta sustancia. ¿Tendremos nosotros que estudiar todos los niños, ó la mitad, ó la tercera parte de ellos, para decir, con garantías de que se nos atiende, que el niño contemporáneo ha perdido y pierde diariamente la gracia y la inocencia que, al parecer, tenía en otros tiempos, si muchos investigadores, procediendo sobre series distintas, encuentran el lastimoso cuadro de caracteres que se ha dicho?

Es verdad que en las cosas humanas y sociales intervienen coeficientes que no existen, ó son más débiles, en los reinos inferiores: la *individualidad*, la *clase social*, etc. ¿Se dirá que se trata sólo del niño de las clases bajas, como en aquel descarrilamiento en que, *afortunadamente*, todos los coches destruidos eran de tercera? Aparte la barbarie de la atenuación del daño, preciso es reconocer que no es cierto. Ferriani trae documentos de niños ricos y acomodados; y en Madrid, raro es el niño que no tiene algo de *golfo*, sobre todo en la edad escolar, cuando, por causas que ahora no me detendré á explicar, comienza á verificarse en ellos un proceso de desagregación social que, aumentado, continuado y no interrumpido por un nuevo proceso de reabsorción, es lo que constituye al *golfo* caracterizado.

(1) *Sociología criminal*, 4.^a ed., Turín, 1900; pág. 82.

He aquí, pues, alguna de las consideraciones que sugiere el interesante y atractivo libro del Sr. Ferriani, para el que deseamos la buena fortuna que, con justicia, obtuvieron *Minorenni delinquenti* y *Delinquenti scaltri e fortunati*. Sugiere también el vivo deseo de intentar un esfuerzo en la lucha contra tantas desgracias y miserias. En este punto, no puedo estar conforme con algunas ideas del autor. Nuestra lucha no puede ni debe ser una dura y enérgica campaña contra los malos. *Saberlo todo y perdonarlo todo*, tal debe ser el santo y seña: y así va siendo, entendiéndose—por supuesto el perdón de tal manera, que no sea un estado de quietismo, una pasividad completa, ó bien esa mínima actividad de la «corrección por la palabra», que, para Tolstoy, es la única forma de coacción lícita, ya se trate de honrados ó de delincuentes, como últimamente preconiza en *Resurrección*, la admirable novela que—esto aparte—debe leer todo criminalista una, dos y hasta tres veces.

LA DOCTRINA DE TOLSTOY

por P. Eltzbacher.

I

INTRODUCCIÓN

1. Lew Nic. Tolstoy nació en 1828, en Yasnaia Poliana, distrito de Krapivna, gobierno de Tula (Rusia). De 1843 á 1846 estudió en Kasan, primeramente, lenguas orientales, y después, jurisprudencia; de 1847 á 1848 estudió en San Petersburgo jurisprudencia. Tras una larga estancia en Yasnaia Poliana, ingresó en un regimiento de Artillería en el Cáucaso; llegó á ser oficial; continuó hasta 1853 en el Cáucaso, y después de haber tomado parte en la guerra de Crimea, obtuvo su licencia en 1855.

Por de pronto, fijó su residencia en San Petersburgo. En 1857 hizo un largo viaje por Alemania, Francia, Italia y Suiza. A su regreso á Rusia, vivió en Moscou. En 1860 y 1861 viajó de nuevo por Alemania, Francia, Italia, Inglaterra y Bélgica; en Bruselas conoció á Proudhon.

Desde 1861 en adelante, Tolstoy ha resi-

dido, casi sin interrupción, en Yasnaia Poliana, como agricultor y escritor al mismo tiempo.

Ha publicado numerosos trabajos. Los que vieron la luz hasta 1878 son en su mayor parte novelas y cuentos, sobresaliendo entre los mismos las novelas *La guerra y la paz* y *Ana Karenina*; las publicaciones posteriores á aquella fecha son, en su mayoría, de índole filosófica.

2. Para el conocimiento de la doctrina de Tolstoy sobre el Derecho, el Estado y la propiedad, tienen especial importancia los escritos *Confesiones* (1879), *Breve exposición del Evangelio* (1880), *En qué consiste mi credo* (1884), *Qué hacer* (1885), *Sobre la vida* (1887), *El reino de Dios está en vosotros, ó El cristianismo como una concepción nueva de la vida, no como doctrina mística* (1893).

3. Tolstoy no da el nombre de anarquismo á su doctrina sobre el Derecho, el Estado y la propiedad. Él llama anarquismo á aquella teoría que preconiza como fin á que debe tenderse una vida sin gobierno, y cuyo modo de efectuación puede ser el empleo de la violencia (1).

II

BASES GENERALES

Según Tolstoy, nuestra suprema ley es el amor; de aquí hace derivar el precepto según el que al mal no debe oponerse resistencia por la fuerza.

1. Tolstoy dice que toma por base de su doctrina «el cristianismo» (2); pero por cristianismo entiende, no la doctrina de una de las iglesias cristianas, ni la de la iglesia ortodoxa, ni la de la católica, ni la de ninguna de las diversas iglesias protestantes (3), sino la pura doctrina de Cristo (4).

(1) *El reino de Dios está en vosotros* (edición alemana), pág. 244-45, 280, 315, 325.—Todas las citas que el autor hace se refieren á las traducciones alemanas de las obras de Tolstoy.—N. del T.

(2) *El reino de Dios está en vosotros*, pág. 263, 285-86; *Exposición del Evangelio*, pág. 25; *Religión y moral*, pág. 14.

(3) *En qué consiste mi credo*, pág. 251.

(4) *Exposición del Evangelio*, p. 13-14, 16-17.

«Por extraña que la afirmación parezca, no deja de ser cierto que las Iglesias, no solamente han permanecido siempre ajenas á la doctrina de Cristo, sino enemigas de ella; cosa por lo demás que no puede menos de acontecer así. No son las Iglesias, como creen muchos, instituciones que tengan un origen cristiano y que se han desviado un poco del camino recto; las iglesias, como tales, ó sea como congregaciones que afirman ser indefectibles, son instituciones anticristianas. Las Iglesias cristianas y el cristianismo, fuera del nombre, nada tienen de común; es más, se trata de dos elementos perfectamente antitéticos y hostiles. Aquéllas son la prepotencia, la violencia, la arrogancia, la rigidez, la muerte; éste es la humildad, la expiación, la sujeción, el progreso, la vida (1).» Las Iglesias, «por complacer al mundo, han transformado de tal modo la doctrina de Cristo, que de la misma no surge ya ninguna nueva aspiración, y los hombres pueden vivir en lo sucesivo igual que han vivido hasta el presente. Las Iglesias transigen con el mundo, y luego que se han entregado á él, el mundo las sigue. El mundo hace todo cuanto las Iglesias quieren, y las Iglesias, con sus teorías sobre el sentido de la vida, dejan que el mundo vaya poco menos que tropezando tras de ellas.

El mundo hace una vida en todo y por todo contraria á la doctrina de Cristo, y las Iglesias inventan sutilezas para demostrar que los hombres viven en armonía con la ley de Cristo, cuando viven en contra de ella.

Y resulta al cabo, que el mundo empieza á hacer una vida peor que la de los paganos, y que las Iglesias, no sólo se atreven á justificar semejante vida, sino que hasta afirman que ella se acomoda á la doctrina de Cristo (2).»

(Continuará.)

(1) *El reino de Dios está en vosotros*, p. 96-97.

(2) *En qué consiste mi credo*, pág. 247-48.